

GABRIELA JARDIM DA SILVA

**UM ESTUDO DOS IDIOMATISMOS: DE SUAS CARACTERÍSTICAS
AO SEU CARÁTER DE DIFICULDADE DE COMPREENSÃO E
TRADUÇÃO DO FRANCÊS PARA O PORTUGUÊS**

PORTO ALEGRE

Dezembro de 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS

Gabriela Jardim da Silva

**UM ESTUDO DOS IDIOMATISMOS: DE SUAS CARACTERÍSTICAS AO SEU
CARÁTER DE DIFICULDADE DE COMPREENSÃO E TRADUÇÃO DO FRANCÊS
PARA O PORTUGUÊS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul para obtenção de título de
Licenciada em Letras
Orientador: Robert Ponge

PORTO ALEGRE
Dezembro de 2009

RESUMO

No escopo do projeto intitulado *As dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português*, dirigido pelo professor Robert Ponge, este trabalho tem por objetivo o estudo do idiomatismo, também conhecido, às vezes, como “idiotismo” ou “expressão idiomática”. O núcleo desta pesquisa é a análise de diversas definições de “idiomatismo”, bem como o exame de suas características sintáticas e semânticas. Para tanto, foram ponderados cinco dicionários gerais de língua portuguesa e francesa, dois artigos sobre as dificuldades de tradução do francês para o português, quatro dicionários de linguística, três dicionários de expressões idiomáticas e, finalmente, um livro no domínio das expressões idiomáticas. Por fim, este trabalho faz considerações sobre a relação entre o estudo do idiomatismo e o projeto no qual ele se insere.

PALAVRAS-CHAVE: idiomatismo, idiotismo, expressão idiomática, dificuldades de compreensão, tradução, francês → português.

RÉSUMÉ

Dans le cadre du projet intitulé « Les difficultés de compréhension et de traduction du français pour les lusophones » dirigé par M. Robert Ponge, ce travail a pour but d'étudier les idiotismes, parfois connus comme « expressions idiomatiques ». Le centre de cette recherche est l'analyse de plusieurs définitions de l'« idiotisme », ainsi que l'examen de ses caractéristiques syntaxiques et sémantiques. Pour cela, ont été analysés cinq dictionnaires de langue portugaise et française, deux articles à propos des difficultés de traduction du français en portugais, quatre dictionnaires de linguistique, trois dictionnaires d'expressions idiomatiques et, finalement, un livre qui se penche sur les expressions idiomatiques. Enfin, ce travail fait des considérations sur les rapports entre l'étude de l'idiotisme et le projet dans lequel il s'insère.

MOTS-CLÉS : idiotisme, expression idiomatique, difficultés de compréhension, traduction, français → portugais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – OS IDIOMATISMOS EM DICIONÁRIOS GERAIS DE LÍNGUA ...	09
<i>Novo dicionário da língua portuguesa</i> , de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	09
<i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i>	10
<i>Dictionnaire de l'Académie française</i>	12
<i>Le Nouveau Petit Robert</i>	13
<i>Trésor de la langue française informatisé (TLFi)</i>	14
Aspectos relevantes nos cinco dicionários gerais de língua	15
CAPÍTULO 2 – OS IDIOMATISMOS SEGUNDO PAULO RÓNAI	17
“ <i>As armadilhas da tradução</i> ”, de Paulo Rónai (1976)	17
“ <i>Problemas gerais da tradução</i> ”, de Paulo Rónai (1984)	19
Aspectos relevantes nos textos de Rónai	20
CAPÍTULO 3 – OS IDIOMATISMOS EM DICIONÁRIOS DE LINGUÍSTICA	21
<i>Dictionnaire de linguistique</i> , de Jean Dubois et alii	21
<i>Dictionnaire de linguistique</i> , organizado por Georges Mounin	22
<i>Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa</i> , de Mattoso Câmara Jr.	22
<i>Dicionário de linguística e fonética</i> , de David Crystal	24
Aspectos relevantes nos dicionários de linguística	26
CAPÍTULO 4 – PREFÁCIOS DE DICIONÁRIOS DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	28
“ <i>Introduction</i> ” in <i>Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles</i> , de Maurice Rat (1957)	28
“ <i>Introduction</i> ” in <i>Les Locutions françaises</i> , de Pierre Guiraud (1961)	31
“ <i>Préface</i> ” in <i>Dictionnaire des expressions et locutions</i> , de Alain Rey (1997)	33
Aspectos relevantes nos prefácios de expressões idiomáticas	37

CAPÍTULO 5 – AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SEGUNDO STELLA ORTWEILER TAGNIN	39
“Introdução”	39
Capítulo 2 – “O jeito que a gente diz”	39
Capítulo 3 – “A convencionalidade e a idiomaticidade”	40
Capítulo 8 – “As expressões convencionais”	41
Capítulo 9 – “As expressões idiomáticas”	42
Aspectos relevantes em Stella Ortweiler Tagnin	44
CAPÍTULO 6 - OS IDIOMATISMOS E A PESQUISA SOBRE AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E TRADUÇÃO DO FRANCÊS PARA O PORTUGUÊS.....	46
O idiomatismo como dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português.....	46
Tratamento provisório oferecido aos idiomatismos no <i>Pequeno dicionário das dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português</i>	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa à análise do “idiomatismo”, também conhecido como “idiotismo” e, às vezes, “expressão idiomática”. Tal estudo foi preparado no âmbito do projeto *As dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português*, desenvolvido no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e supervisionado pelo professor Robert Ponge. Este projeto possui dois objetivos, a saber: 1) o objetivo teórico-descritivo, que se refere à elaboração de estudos sobre as dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português, visando estabelecer uma tipologia ou classificação destas dificuldades; e 2) o objetivo didático, que se refere à produção de um glossário (ou dicionário), cujos verbetes sejam relativos às dificuldades concretas de compreensão e tradução da língua fonte (francês) para a língua alvo (português).

Mas por que estudar o idiomatismo? Esta pesquisa partiu da necessidade de compreendê-lo melhor, visto que este representa uma das dificuldades de compreensão e tradução levantadas pelo grupo de pesquisa do projeto mencionado acima. Deste modo, este estudo igualmente se desdobra em dois objetivos, que são análogos aos objetivos do projeto maior no qual ele se insere. Por um lado, desenvolvi trabalhos menores, em extensão, a respeito do idiomatismo, cuja culminância dá-se através deste trabalho, a fim de buscar definições claras concernentes a este fenômeno da língua, bem como de recensear suas características sintáticas e semânticas. Por outro lado, por configurar umas das dificuldades recorrentes aos verbetes do dicionário que está sendo confeccionado pelo grupo de pesquisa, este estudo busca apontamentos teóricos em campos diversos da linguística, de modo que se possa elaborar, da forma mais eficaz possível, um tratamento para o idiomatismo no dicionário que está sendo organizado, seja no que diz respeito à terminologia que será adotada, seja no que diz respeito à apresentação desta dificuldade dentro da estrutura interna de cada verbete portador dela.

Não havendo consenso sobre a sinonímia perfeita dos termos “idiomatismo”, “idiotismo” e “expressão idiomática”, exploro igualmente a definição dos três, com o intuito de ver até que ponto é legítima a diferenciação entre os termos para aqueles autores que não os tratam como sinônimos perfeitos. Adoto, pois, o termo “idiomatismo” para designar o objeto de estudo de modo geral, no entanto, utilizo os outros dois termos sempre que se fizer necessário.

Em relação à estrutura interna deste trabalho, ele se divide em seis capítulos. Do capítulo 1 ao capítulo 5, debruço-me sobre a definição de “idiomatismo” em instrumentos

diferentes de consulta. No capítulo 6, introduzo a noção de idiomatismo como dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português, ou seja, explico a relação entre o idiomatismo e a pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português.

No capítulo 1, apresento os idiomatismos em cinco dicionários gerais de língua portuguesa e francesa. A seguir, no capítulo 2, exploro os idiomatismos em dois artigos, de Paulo Rónai, tratando sobre as dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português e, por esta razão, bibliografia básica do nosso projeto. O capítulo 3, por sua vez, dá espaço à análise de “idiomatismo” em quatro dicionários de linguística. Após, no capítulo 4, analiso três prefácios de dicionários de expressões idiomáticas. Finalmente, no capítulo 5, estudo o livro intitulado *Expressões idiomáticas e convencionais*, de Stella Ortweiler Tagnin.

Finalmente, no sexto e último capítulo, discuto brevemente as características dos idiomatismos, vistas nos capítulos anteriores, com o objetivo de mostrar por que eles representam uma das dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português.

CAPÍTULO 1

OS IDIOMATISMOS EM DICIONÁRIOS GERAIS DE LÍNGUA

Neste capítulo analiso o conceito de “idiomatismo” (ou, em francês, *idiotisme*) em cinco dicionários gerais de língua: dois da língua portuguesa, a saber: o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, e o *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*, e três dicionários de língua francesa: o *Dictionnaire de l'Académie française*, *Le Nouveau Petit Robert* e o *Trésor de la langue française informatisé*.

Novo dicionário da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

O *Novo dicionário da língua portuguesa* apresenta três verbetes concernentes aos idiomatismos: “idiotismo”, “idiomatismo” e “expressão” (no qual há a explicação de “expressão idiomática”).

O verbete “idiomatismo”¹ apresenta somente remissão a “expressão idiomática”, ou seja, este verbete não é explicado no dicionário.

O verbete “idiotismo” inicia pela explicação etimológica da palavra: “idiotismo” vem do grego *idiotismós*, que significa “gênero da vida”, “hábito”, “linguagem corrente vulgar”. Em relação à origem latina, *idiotismus*, significa “expressão própria da língua”. Após a elucidação etimológica, há a classe gramatical da palavra, que é a de substantivo masculino e, finalmente, há remissões a “idiotice”, na primeira acepção, e a “expressão idiomática”, na segunda acepção.²

No verbete “expressão”, o *Novo dicionário da língua portuguesa* define, entre outras acepções, a “expressão idiomática” como sendo uma “sequência de palavras que funciona como uma unidade”.³ Esta definição bastante concisa depara-nos com duas informações que merecem uma explicação minuciosa. Em primeiro lugar, a expressão idiomática constitui-se de um grupo, ou sequência, de palavras. Em segundo lugar, esta sequência “funciona como uma unidade”, o que, em meu entender, significa que possui valor de unidade, isto é, para que seu sentido possa ser mantido é fundamental que ela não careça de nenhum dos elementos (ou

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004, verbete “idiomatismo”, p.1867.

² Ibidem.

³ Ibidem, p. 858

palavras) constituintes. Em outras palavras, o significado, dito valor, está no conjunto ou “unidade”, no termo do dicionário.

Na subentrada “expressão idiomática”, este dicionário traz vários sinônimos para este tipo de expressão: “frase feita”, “locução estereotipada” e “grupo fraseológico”, além, obviamente, dos já vistos “idiomatismo” e “idiotismo”. Se, por um lado, os três primeiros sinônimos para expressão idiomática não são definidos, por outro lado, os dois últimos verbetes do dicionário fazem remissão a “expressão idiomática”.

A exemplificação dá-se através das expressões “ficar a ver navios”, que significa “não alcançar o que pretendia; ficar logrado”⁴ e “acabar em águas de bacalhau” (expressão que, ainda que mencionada, não é explicada no dicionário de Aurélio).

Dicionário Houaiss da língua portuguesa

Assim como o dicionário de Aurélio, o dicionário *Houaiss* explica “idiomatismo” em três verbetes: “idiotismo”, “idiomatismo” e “expressão” (no qual há a explicação de “expressão idiomática”).

O verbete “idiomatismo” apresenta somente remissão a “idiotismo”⁵, ou seja, este verbete não é trabalhado pelo dicionário.

O verbete “idiotismo” informa a classe gramatical e duas acepções, cuja primeira remete a “idiotice” e a segunda a “traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas”. Os exemplos oferecidos por este dicionário são “o infinitivo pessoal do português e a resposta afirmativa com o verbo da pergunta, por exemplo: - Você vai? – Vou”.⁶

O infinitivo pessoal, também conhecido por “infinitivo flexionado”, diz respeito aos casos em que a forma infinitiva do verbo assume flexões de pessoa; por exemplo, em “Relacione as medidas a serem tomadas”, o infinitivo “ser” assume a flexão da terceira pessoa do plural, concordando com “as medidas”, tornando-se “serem”.

⁴ Ibidem, verbete “navio”, p.1389.

⁵ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, verbete “idiotismo”, p.1044.

⁶ Ibidem.

A última informação oferecida pelo verbete “idiotismo” refere-se à etimologia da palavra: “idiotismo” vem do grego *idiotismós*, que significa “gênero da vida”, “hábito”, “linguagem corrente vulgar”.⁷

No verbete bastante polissêmico “expressão”, *Houaiss* oferece a definição de “expressão idiomática” como uma “locução ou frase cristalizada numa língua, cuja significação não é dedutível dos significados das palavras que a compõem e que geralmente não pode ser entendida ao pé da letra (por exemplo ‘bater perna’)”.⁸ Sobre o exemplo fornecido para o fenômeno da língua descrito pode-se dizer que ele é conhecido do falante nativo do português do Brasil, de modo que este entenderá que “bater perna” não significa “dar pancadas ou golpes nos membros inferiores”, mas “caminhar à toa, passear muito; andar muito para realizar algo”.⁹

Na versão eletrônica do dicionário Houaiss, além da expressão “bater perna”, há ainda as expressões “falar para as paredes” e “bilhete azul”, como exemplares de expressões idiomáticas.

Através das definições de “idiotismo” e “expressão idiomática”, pode-se depreender que o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* faz distinção entre os termos. Em se tratando dos idiotismos, o dicionário trata-os como construções peculiares de uma dada língua. Deste modo, a análise do idiotismo recai sobre o aspecto sintático, cuja peculiaridade da forma diz respeito a não-existência de formas semelhantes “na maioria dos outros idiomas”, como explica a definição de “idiotismo” oferecida por este dicionário.

Em se tratando de “expressão idiomática”, a definição deixa claro que este tipo de expressão tem relação com locuções ou frases cristalizadas. A expressão idiomática possui, igualmente, relação com o idiotismo na medida em que ambos representam manifestações peculiares da língua. No nível da frase, a análise da expressão idiomática recai sobre o aspecto semântico, visto que o fator que a torna peculiar frente às expressões não idiomáticas concerne ao fato de que o significado delas não pode ser depreendido da soma dos significados das palavras que a compõem e, em consequência, no mais das vezes “não podem ser entendidas ao pé da letra”, nas palavras do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

Assim como o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* não distende o verbete “idiotismo”. Em se tratando das diferenças entre os dois dicionários, pode-se dizer que o dicionário

⁷ Ibidem

⁸ Ibidem, p.860

⁹ Ibidem, verbete “perna”, p.1477.

Houaiss é mais explicativo, seja no verbete “idiotismo”, seja na subentrada “expressão idiomática” do verbete “expressão”.

Quanto a “idiotismo”, Houaiss define e exemplifica o termo, ao passo que o dicionário de Aurélio limita-se a mostrar a explicação etimológica e a fazer remissão a “expressão idiomática”, o que leva a concluir que Aurélio não faz distinção entre os termos, considerando-os sinônimos, uma vez que remete um termo ao outro, abstenendo-se de definição em um deles, o “idiotismo”. Em relação a “expressão idiomática”, a definição de Houaiss é mais precisa e traz um número maior de informações relevantes a respeito do caráter das expressões idiomáticas, enquanto Aurélio explica de forma telegráfica a noção de “expressão idiomática”.

Dictionnaire de l'Académie française

O verbete *idiotisme*, contido no *Dictionnaire de l'Académie française*, que doravante chamarei de *DAF*, é iniciado pela sua classe gramatical, relativa a substantivo masculino. Após, há a informação da etimologia da palavra: *idiotisme* é um termo advindo do latim *idiotismus*, que significa “linguagem dos simples particulares”, cujo sentido é o mesmo do grego tardio *idiôtismos*.

Em seu verbete sucinto, o *DAF* define *idiotisme* como “expression ou construction propre à un idiome, et qui n’a pas son équivalent syntaxique exact dans d’autres langues”.¹⁰

Como praxe deste dicionário, as entradas (ou palavras) são exemplificadas através de frases nas quais elas aparecem como elementos constitutivos. As frases oferecidas são as seguintes: “‘Il y a’ est un des idiotismes de la langue française” e “Les gallicismes, les anglicismes, les germanismes, les latinismes sont des idiotismes”.

Neste dicionário eletrônico não consta o verbete *idiomatique*. Igualmente não há a subentrada de *expression idiomatique* no verbete *expression*.

De modo diverso ao *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, e semelhante ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o *DAF* traz a noção da não correspondência sintática exata em outras línguas destes que vêm a ser os *idiotismes*. É importante fazer esta distinção, pois se as definições dos dicionários antes analisados debruçaram-se, sobretudo, sobre o sentido, a definição do *DAF* cita unicamente a questão sintática, ou seja, a questão

¹⁰ *Dictionnaire de l'Académie française*. 8e édition. Disponível no sítio <http://atilf.atilf.fr/academie.htm>, verbete *idiotisme*. Consultado entre os meses de julho e dezembro de 2009.

concernente à forma linguística. Deste modo, não menciona que estas estruturas não podem ser compreendidas através da soma dos significados dos elementos constituintes, como afirma Houaiss em seu dicionário, nem que elas funcionam como uma unidade de sentido, como assevera o dicionário de Aurélio.

Le Nouveau Petit Robert

O dicionário de língua francesa *Le Nouveau Petit Robert* oferece os verbetes *idiomatique* e *idiotisme* de modo bastante simples e compacto.

Em se tratando de *idiomatique*, a primeira informação concerne à classe gramatical, *idiomatique* é um adjetivo. Seguidamente há a elucidação etimológica: *idiomatique* deriva do grego *idiômatikos*. A definição resume-se a explicar que *idiomatique* é “propre à un idiome”.¹¹ Nos exemplos que seguem a definição, há duas formas que são recorrentemente combinadas com este adjetivo: “expression idiomatique” e “tournure idiomatique”. O último dado do verbe é a remissão a *idiotisme*.

No que diz respeito a *idiotisme*, a primeira informação cabe à classe gramatical. A segunda informação refere-se à etimologia da palavra: *idiotisme* vem do latim *idiotismus* e do grego *idiôtismos*, cujo significado reporta-se a “língua corrente”.

De forma relativamente parecida (mas não igual) à definição do *DAF*, *Le Nouveau Petit Robert* explica o *idiotisme* como sendo “forme ou locution propre à une langue, impossible à traduire littéralement dans une autre langue de structure analogue”.¹²

Os exemplos de *idiotismes*, listados entre parênteses após a definição, são os seguintes: *gallicismes* (idiomatismos próprios do francês), *anglicismes* (idiomatismos próprios do inglês), *hispanismes* (idiomatismos próprios do espanhol) e, finalmente, *latinismes* (idiomatismos próprios do latim).

Diferentemente do *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, e do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o dicionário *Le Nouveau Petit Robert* atém-se à explicação sintática do *idiotisme*, quando ele fala em “forme ou locution propre à une langue” e, de modo sutil, este dicionário expõe a questão semântica, quando fala na impossibilidade de sua tradução em línguas análogas. Embora a definição de *Le Nouveau Petit Robert* aproxime-se da definição do *DAF*, esta diz que o *idiotisme* não tem correspondente sintático em línguas

¹¹ ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert : dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2007, verbe *idiomatique*, p.1273.

¹² *Ibidem*, verbe *idiotisme*, p.1273.

análogas, mas ela nada diz sobre uma impossibilidade de tradução, enquanto a definição de *idiotisme* de *Le Nouveau Petit Robert* recorre à questão da impossibilidade de tradução deste tipo de construção em línguas análogas.

O aspecto semântico, que diz respeito às peculiaridades de significação deste tipo de estrutura, cuja soma dos elementos não resulta no significado da expressão, não é mencionado, ainda que apareça sutilmente quanto à questão da tradução. Neste sentido, a definição de *idiotisme* de *Le Nouveau Petit Robert* aproxima-se da definição do *Dictionnaire de l'Académie française*, vista anteriormente.

Trésor de la langue française informatisé (TLFi)

O *Trésor de la langue française informatisé*, que chamarei a partir de agora de *TLFi*, define *idiomatique*, assim como *Le Nouveau Petit Robert*, de forma sucinta, e *idiotisme*, através de duas acepções (A e B).

A respeito de *idiomatique*, o *TLFi*, após a classe gramatical, explica que *idiomatique* é “qui est propre à une langue”.

A respeito do *idiotisme*, assim como o *Dictionnaire de l'Académie française* e *Le Nouveau Petit Robert*, a acepção A define o idiomatismo como “construction qui apparaît propre à une langue donnée et qui ne possède aucun correspondant syntaxique dans une autre langue”.¹³

A seguir, dentro do verbete, há uma outra explicação para o *idiotisme*: “Un idiotisme est plutôt un syntagme figé rebelle à l'analyse grammaticale comme *il y a* en français”¹⁴. O exemplo de *il y a*, na citação, então, torna-se um sintagma “rebelle à l'analyse grammaticale” na medida em que ele necessita de uma estrutura diferente para exprimir ideia análoga em outra língua; é, pois, um *idiotisme* próprio à língua francesa.

O caráter mais prolixo do *TLFi* dá espaço a citações literárias utilizando o termo *idiotisme*, do qual destaco uma, por considerar interessante devido à ilustração do problema deste fenômeno da língua: “[...] il frappa gentiment à sa porte. — On y va, dit le bandit, qui, en fréquentant la maison de maître Pastrini, avait fini par apprendre le français jusque dans ses idiotismes” (Dumas)¹⁵. Este exemplo levanta discretamente o fato de que os *idiotismes*

¹³ *Trésor de la langue française informatisé*. Disponível no sítio <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>, verbete *idiotisme*. Consultado entre os meses de julho e dezembro de 2009.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

representam dificuldade no processo de compreensão/aprendizado de uma língua estrangeira, ou seja, aprender o francês “até nos seus idiotismos” denotaria um aprendizado bastante aprofundado da língua francesa.

A acepção B, em analogia à acepção A, apresenta a seguinte definição *idiotisme* é um “caractère qui appartient en propre à quelqu'un, à quelque chose”. Para esta acepção, o *TLFi* fornece o seguinte exemplo: “Nous avons parlé déjà de l'idiotisme de beauté particulier à chaque époque, et nous avons observé que chaque siècle avait, pour ainsi dire, sa grâce personnelle” (Baudelaire) ¹⁶.

Assim como os outros dois dicionários gerais de língua francesa, o *TLFi* faz a sua definição debruçando-se sobre o viés da forma linguística, quando ele fala da não-correspondência sintática dos *idiotismes* em relação às línguas análogas. Igualmente, ele não explora as relações semânticas no que toca aos *idiotismes*, ou seja, a questão do significado não é tratada nesta definição.

Aspectos relevantes nos cinco dicionários gerais de língua

O intuito desta análise foi o de fornecer e discutir as definições de “idiomatismo” nos dicionários gerais de língua portuguesa e francesa. O caráter teoricamente mais simplificado das definições nestes dicionários gerais da língua advém do pressuposto de que tais dicionários são utilizados no mais das vezes por não-especialistas na área da linguística, ou seja, os dicionários gerais de língua são manuseados principalmente pelo público leigo em questões referentes à linguagem e linguística. Deste modo, os dicionários analisados não se propõem a uma análise linguística minuciosa, ainda que alguns sejam bastante específicos e abusem de terminologia.

A partir das definições dos cinco dicionários gerais de língua, podemos selecionar duas máximas que condicionam uma estrutura linguística ao *status* de “idiomatismo” (ou *idiotisme*):

1ª: o idiomatismo (ou *idiotisme*) é uma construção própria de uma dada língua;

2ª: o idiomatismo (ou *idiotisme*) não possui correspondente sintático em outra língua.

A partir das definições dos dois dicionários de língua portuguesa, podemos selecionar quatro máximas que condicionam uma expressão ao *status* de “expressão idiomática”:

¹⁶ Ibidem.

1ª: “a expressão idiomática é uma sequência de palavras que funciona como uma unidade”¹⁷, definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira que, embora não distendida e não seja muito didática, constitui um embrião para a discussão da expressão idiomática.

2ª: a expressão idiomática é uma estrutura cristalizada da língua;

3ª: a expressão idiomática tem um significado global que não é dedutível dos significados das palavras que a compõem;

4ª: a expressão idiomática geralmente não pode ser entendida ao pé da letra.

Ainda que as informações das máximas 2, 3 e 4 não sejam explicitadas na definição de Aurélio Buarque de Holanda, em *Novo dicionário da língua portuguesa*, pode-se assumi-las como legítimas, já que elas constam em *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e, em menor medida, aparecem em Aurélio implicitamente. Igualmente, cabe ressaltar que o caráter das máximas é de síntese, então, elas se constituem da amálgama entre as definições dos cinco dicionários de língua ponderados.

Através desta análise, pode-se notar que a noção de “idiomatismo” (ou *idiotisme*, nos dicionários franceses) muitas vezes confunde-se com a noção de “expressão idiomática”, inclusive, os dicionários gerais de língua portuguesa apresentaram os três verbetes para exprimir esta noção de “idiomatismo”, que sintetizo aqui por construção ou expressão própria a uma língua que não possui correspondente sintático em uma língua de estrutura análoga, tampouco produz um significado a partir da soma dos significados de seus elementos constitutivos.

Aqueles que distinguem “idiomatismo” de “expressão idiomática”, como, por exemplo, Houaiss, debruçam-se sobre o tipo de construção; se o idiomatismo está no nível da sintaxe (ou, neste caso, não correspondência sintática), a expressão idiomática está no nível da semântica, em se tratando da divergência entre o significado da expressão como um todo em relação à soma dos significados de seus elementos constitutivos. Termos da mesma família léxica, “idiomatismo” e “expressão idiomática” constituem ambas construções peculiares das línguas, assim como dificuldade de compreensão para os falantes não-nativos destas línguas.

Aqueles que não fazem a distinção entre “idiomatismo” e “expressão idiomática”, como, por exemplo, Aurélio, parecem tratar os dois como sinônimos, fator que pode ser observado, nos dicionários, através de remissões de um termo a outro dentro dos verbetes em questão.

¹⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004, verbete “expressão”, p.858.

CAPÍTULO 2

OS IDIOMATISMOS SEGUNDO PAULO RÓNAI

Neste capítulo, estudo especificamente o tratamento oferecido por Paulo Rónai para os “idiomatismos”. Para tanto, debruço-me sobre dois artigos do autor referentes às dificuldades da tradução, a saber: “As armadilhas da tradução” e “Problemas gerais da tradução”.

“As armadilhas da tradução”, de Paulo Rónai (1976)

Contido no livro *A tradução vivida*, o artigo “As armadilhas da tradução” lista uma série de “armadilhas” do processo tradutório. Antes de entrar na lista, Rónai faz algumas considerações preliminares como, por exemplo, o problema da “fé na existência autônoma das palavras e na convicção inconsciente de que cada palavra de uma língua necessariamente corresponde noutra língua qualquer”.¹⁸ As armadilhas listadas pelo autor são as seguintes: a polissemia, os cognatos aparentes ou falsos amigos, os homônimos, os parônimos, os sinônimos, as holófrases, os antropônimos, os topônimos e as metáforas.

Pode parecer que o texto de Rónai não explora os idiomatismos ou expressões idiomáticas, se levarmos em consideração que o autor não utiliza tais termos quando ele define sua classificação de dificuldades. Cabe fazer, no entanto, algumas considerações sobre o texto.

Mesmo que a terminologia em questão (idiomatismo e/ou expressão idiomática) não apareça no artigo de Rónai, há aspectos que merecem exame, pois, à primeira vista, demonstram ligação com os idiomatismos, tendo em conta as definições até agora encontradas. Mais adiante no texto, então, aparece outra questão que podemos vincular ao fenômeno da língua aqui estudado. Vejamos a citação:

“O uso de expressões figuradas dá-se em todos os idiomas conhecidos e não apenas na prática literária. Muitas dessas expressões conseguem adoção geral a ponto de serem empregadas sem que a pessoa falante se lembre do sentido primitivo das palavras que a compõem. “É uma mão na roda” – dizemos pensando num auxílio que vem no momento oportuno, sem vermos a imagem da carroça encalhada [...]”¹⁹

¹⁸ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p.16.

¹⁹ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p.31.

A citação acaba remetendo ao conceito que vem sendo discutido sobre os idiomatismos ou expressões idiomáticas. Apesar de não usar os termos citados logo acima, fica evidente que Rónai está falando deste fenômeno da língua; neste caso “expressão figurada” é necessariamente sinônimo de expressão idiomática. A explicação do autor remete-nos a esta associação na medida em que ele define “expressões figuradas” como sendo aquelas que “conseguem adoção geral a ponto de serem empregadas sem que a pessoa falante se lembre do sentido primitivo das palavras que as compõem”²⁰, assim como no caso das expressões idiomáticas em que geralmente o sentido individual das palavras é ignorado ou esquecido, porque o sentido global da expressão afastou-se dos sentidos individuais dos elementos constitutivos da expressão.

No final do artigo, quando aborda a questão das metáforas e expressões figuradas como problemas da tradução, o autor utiliza em seu texto a expressão “frases feitas”. Se ele não utilizou em nenhum momento de seu texto os termos da família lexical de “idiomatismo”, nas suas últimas linhas ele utiliza despretensiosamente a expressão “frases feitas”, que é tida pelos autores dos dicionários *Aurélio* e *Houaiss* como sinônima de “expressões idiomáticas”. É importante notar que ele não trata esta questão como um problema de tradução do francês, como ele trata as demais em seu texto. Na verdade ele introduz esta noção na continuação da explicação das metáforas e expressões figuradas, quando ele toma os seguintes exemplos: *faire les cent coups* (“levar vida desregrada”) e *faire ses trente-six volontés* (“fazer o que lhe der na veneta”)²¹, estas que nada mais são do que expressões idiomáticas da língua francesa, embora tal designação não seja utilizada.

“Problemas gerais da tradução”, de Paulo Rónai (1984)

Embora pertença a um livro intitulado *A tradução técnica e seus problemas*, o artigo “Problemas gerais da tradução”, de Paulo Rónai, assevera:

“Apesar de certas divergências de pormenor, o tradutor literário e o técnico lidam com a mesma matéria-prima, que é a língua, mais exatamente duas línguas determinadas, cujas diferenças essenciais,

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem, p.33.

tendências gerais, tradições e hábitos a nenhum dos dois é lícito ignorar.”²²

Deste modo, Rónai explora as dificuldades de tradução de modo geral, que se aplicam tanto à tradução literária quanto à tradução técnica. O autor assegura que uma tentativa de enumerar exaustivamente os problemas da tradução seria “um empreendimento condenado ao fracasso”²³, no entanto, é necessário “desconfiar sempre” quando se está traduzindo um texto.

Ainda que seja impossível enumerar exaustivamente os problemas da tradução, Rónai lista algumas das causas mais frequentes dos erros cometidos nas traduções: holófrases, polissemia, falsos amigos, metáforas, homônimos, parônimos, sinônimos, antropônimos, topônimos, decalque.

Esse texto não faz menção às expressões idiomáticas, como causadoras de erros da tradução, no entanto, há uma lista de palavras em português que são vertidas para o francês por expressões:

“Nossas palavras ‘vassourada’, ‘dentada’, ‘tiro’, ‘telefonema’, ‘pontapé’, ‘murro’, ‘insolação’, ‘olhadela’[...] são todas elas traduzidas para o francês por expressões de três vocábulos *coup de balai, coup de dent, coup de fusil, coup de téléphone, coup de pied, coup de poing, coup de soleil, coup d’œil*.”²⁴

Rónai chama atenção que, para esses casos citados acima, “o francês poderia facilitar a compreensão, colocando hífen”, já que são conjuntos indecomponíveis. A ausência do hífen pode levar-nos à questão palavra-composta ou expressão idiomática? Nem sempre a resposta será evidente. As “expressões de três vocábulos” acima são palavras-compostas sem hífen ou expressões idiomáticas? Rónai não se faz essa pergunta, ainda que saiba que este tipo de construção é problemático, visto que os exemplos citados, que são na verdade palavras-compostas, podem se comportar como expressões idiomáticas, na medida em que a soma dos sentidos dos termos nem sempre corresponde de todo ao sentido atribuído à unidade semântica. Deste modo, a tradução literal para tais palavras pode distorcer, ainda que sutilmente, o sentido da frase na qual ela se insere, por exemplo, a tradução literal de *coup de soleil* é “pancada de sol”. O leitor/ouvinte poderia deduzir que *coup de soleil* diz respeito a “raio de sol”, expressão constituída de três vocábulos, assim como a expressão original, entretanto, como Paulo Rónai aponta, a tradução apropriada é “insolação”. Em se tratando de

²² RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1984, p.1.

²³ Ibidem, p.2.

²⁴ Ibidem, p.3

coup de fusil, cuja tradução é “tiro”, mas que também pode ser “conta exagerada” e, finalmente, “extorsão”, temos um exemplo de “expressão de três vocábulos” que pode suscitar problema na compreensão e tradução, visto que as duas últimas traduções concernem a sentidos metafóricos que não são necessariamente conhecidos por aquele que entrar em contato com tal expressão.

Aspectos relevantes nos textos de Rónai

Ainda que Paulo Rónai não utilize os termos “idiomatismo” ou “expressão idiomática”, ele trabalha noções concernentes a este fenômeno da língua. A terminologia adotada por Rónai concentra-se nos termos “expressões figuradas” e “frases feitas”. Este termo é tido como sinônimo de “expressão idiomática” para os autores Aurélio e Houaiss, enquanto aquele, ainda que não adotado por outros autores vistos até o presente, expressa o caráter figurado das expressões idiomáticas. Igualmente, a definição de Rónai para “expressão figurada”, com suas devidas variantes, no cerne é a mesma encontrada no que tange às expressões idiomáticas nos demais dicionários e textos analisados.

Se ainda resta dúvida de que ele fala, de fato, das expressões idiomáticas, a dúvida é sanada quando ele utiliza, para exemplificar, as seguintes “frases feitas”: *faire les cent coups* e *faire ses trente-six volontés*, ambas expressões idiomáticas da língua francesa.

Finalmente, a discussão da palavra-composta sem hífen que pode gerar equívocos no processo tradutório e levar à questão: palavra-composta ou expressão idiomática? Os exemplos fornecidos por Rónai, à parte aqueles mencionados logo acima como sendo “frases feitas”, são de palavras-compostas, no entanto, elas podem se comportar como expressões idiomáticas, na medida em que a soma dos sentidos das partes destas palavras-compostas nem sempre corresponde ao sentido da “expressão de três vocábulos”.

CAPÍTULO 3

OS IDIOMATISMOS EM DICIONÁRIOS DE LINGUÍSTICA

Neste capítulo analiso, em ordem cronológica, o conceito de “idiomatismo” (ou *idiotisme*) em dicionários de linguística, a fim de ver como se articulam tais conceitos nestes que são dicionários concebidos, assim como os dicionários gerais de língua, por especialistas em linguagem e linguística. A diferença, no entanto, é que os dicionários de linguística são destinados a linguistas ou pessoas potencialmente não-leigas em linguística. Em que medida os dicionários de linguística são mais específicos do que os dicionários gerais da língua? Quais são as semelhanças e diferenças teóricas entre os dicionários analisados?

Vejam, a seguir, as definições de “idiomatismo” nos seguintes dicionários: *Dictionnaire de linguistique*, de Jean Dubois et alii, *Dictionnaire de linguistique*, organizado por Georges Mounin, *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e *Dicionário de linguística e fonética*, de David Crystal.

Dictionnaire de linguistique, de Jean Dubois et alii

Se alguns dicionários discutem o aspecto semântico, aquele que diz respeito ao significado das palavras, como os dicionários gerais de língua portuguesa antes analisados, Dubois discute somente o aspecto sintático, aquele que se refere à estruturação das palavras na frase ou das frases na oração, como critério de definição de *idiotisme*, verbete no qual ele pondera a questão dos *idiotismes*.

O *Dictionnaire de linguistique*, de Jean Dubois, define o *idiotisme* como “toute construction qui apparaît propre à une langue donnée et qui ne possède aucun correspondant syntaxique dans une autre langue”.²⁵ Novamente aparece a ideia de que o idiomatismo não possui um correspondente sintático análogo em outras línguas. O pertencimento à dada comunidade linguística enquanto critério de definição do *idiotisme*, leva também este autor a citar exemplos de *idiotismes* de modo geral: germanismos, latinismos, helenismos; bem como de forma específica: o presentativo *c’est* é um galicismo - idiomatismo próprio à língua francesa -, assim como *how do you do?* é um anglicismo - idiomatismo próprio à língua inglesa.

²⁵ DUBOIS, Jean et alii. *Dictionnaire de linguistique*, Paris: Larousse, 1973, p. 250.

***Dictionnaire de linguistique*, organizado por Georges Mounin**

O verbete *idiotisme*, do *Dictionnaire de linguistique*, é bastante sucinto. Ele não discute nem os aspectos formais (morfológicos e sintáticos) nem os aspectos semânticos, embora se possa depreender, na definição, tanto os traços sintáticos quanto os semânticos. A definição está de acordo com boa parte dos dicionários gerais de língua. Em outras palavras, o verbete deste dicionário concentra-se na seguinte explicação para *idiotisme*: “élément ou construction de la langue, propre à une communauté, et qui ne possède pas d'équivalent formel exact en traduction dans les autres langues”.²⁶ Esta definição, assim como aquela de *Le Nouveau Petit Robert*, toca na questão da tradução, ou melhor, ela traz como característica do *idiotisme* a inexistência de correspondente formal, leia-se sintático, em outras línguas. A definição do dicionário de Georges Mounin, no entanto, é mais abrangente quando fala em falta de correspondência do *idiotisme* em outras línguas, visto que *Le Nouveau Petit Robert* delimita o campo falando em falta de correspondência em línguas análogas, ou seja, línguas da mesma família.

O autor do verbete explica que dependendo da língua o *idiotisme* denominar-se-á de tal ou tal maneira. Os exemplos dados são: latinismos, germanismos, anglicismos e galicismos.

O autor finaliza o verbete *idiotisme* dando um exemplo de galicismo – idiomatismo próprio à língua francesa. O exemplo é o do presentativo *il y a*, cuja correspondência literal não existe em outras línguas de estrutura análoga, tais como as línguas latinas de modo geral.

***Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr.**

Neste dicionário são apresentados os verbetes “idiomatismo” e “idiotismo”, no entanto, aquele não discorre sobre o assunto, limitando-se a fazer remissão ao verbete “idiotismo”. A maneira como Câmara Jr. explica o conceito de “idiotismo” é um tanto intrincada para quem não é especialista.

²⁶ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris: PUF, coll. "Les Grands Dictionnaires", 1974, p. 168.

Através de terminologia diversa dos dicionários gerais de língua anteriormente analisados, Câmara Jr. define “idiotismo” em sentido lato e sentido estrito. Para o linguista, o idiotismo em sentido lato diz respeito “[aos] traços linguísticos de uma língua, que melhor a caracterizam em face das outras que lhes são cognatas [...]”.²⁷ Câmara Jr. está explicando, na verdade, que os idiotismos correspondem às estruturas linguísticas de uma determinada língua que as distinguem de outras línguas cognatas, devido às suas idiossincrasias.

Entendam-se línguas cognatas como sendo aquelas línguas que pertencem ao mesmo tronco, isto é, aquelas que são originárias de uma mesma língua anterior. Por exemplo: “[...] o português faz parte da família especial das línguas românicas, provenientes do latim, e, como tal, se inclui na família geral das línguas indo-européias”.²⁸ Assim como a língua portuguesa, as línguas francesa, espanhola, italiana também fazem parte da família das línguas românicas.

As línguas cognatas, no mais das vezes, apresentam muito mais semelhanças do que diferenças no que tange às suas estruturas morfológicas e sintáticas. Um exemplo de estrutura análoga no campo da morfologia das línguas românicas é o plural com o acréscimo de “s”.

Uma vez delimitado o conceito de línguas cognatas, podemos desvendar parte da definição de Câmara, a parte na qual ele explica que os idiotismos referem-se aos traços (estruturas linguísticas) que melhor lhe caracterizam frente às suas cognatas. Ora, então, os idiotismos são, em outras palavras, as idiossincrasias de cada língua. Mesmo que elas possuam muitas semelhanças estruturais, apresentarão peculiaridades.

Câmara Jr. continua sua explicação através da definição em sentido estrito, na qual idiotismos dizem respeito “[às] construções vocabulares e frasais que não se prestam a uma análise, satisfatória na base dos valores atuais da língua”.²⁹ De modo simplificado, pode-se dizer que Câmara Jr., neste momento, recorre ao critério que já fora explorado em definições anteriores de “idiotismo”: a análise individual dos elementos constitutivos dessas estruturas idiomáticas não conduz ao significado global dela. A impossibilidade de uma análise satisfatória “nos valores atuais da língua” pode ser esclarecida da seguinte forma: em dado momento do passado, uma expressão idiomática cristalizou-se, baseada em um acontecimento, uso figurado ou algum uso específico, e, com o passar do tempo, ela continuou a ser usada com o mesmo significado de outrora, mas a explicação de *por que* a estrutura x corresponde ao significado y não pode ser explicada, uma vez que o *como* da formação perdeu-se no decorrer dos anos.

²⁷ CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984, verbete “idiotismo”, p. 142.

²⁸ *Ibidem*, verbete “família linguística”, p. 116.

²⁹ *Ibidem*, p. 142.

Nesta altura da explicação, ele diz que são especiais de nota os “idiotismos locucionais”, nos quais este processo de soma de significações não é igualmente proporcional ao sentido global dessas estruturas. O exemplo que ele dá é “Chorar as pitangas”. O falante nativo que conhece os significados individuais das palavras “chorar”, “as” e “pitangas” não produzirá tal expressão pensando nestes sentidos individuais, afinal, uma leitura literal dessa expressão seria inverossímil: nenhum ser real chora pitangas. No entanto, o falante inserido na comunidade de falantes do português do Brasil, no mais das vezes, não terá problemas em depreender o seguinte significado: uma pessoa que “chora as pitangas” é alguém que lamenta (exaustivamente) por algo que não tem solução.

Câmara Jr. conclui seu verbete explicando a etimologia de *idiotismo*. Em suas palavras: “O termo provém de *idiota*, no sentido inicial do seu étimo (gr. *idiotes* “particular, individual”)³⁰”.

A distinção entre idiotismo em sentido lato e em sentido estrito é uma novidade em relação aos demais dicionários analisados, embora a novidade diga respeito somente à terminologia. Câmara Jr. define como idiotismos em sentido lato aquelas estruturas peculiares a uma dada língua frente a suas cognatas, como o infinitivo flexionado do português, exemplo de Câmara Jr. e, igualmente, do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

Em relação aos “idiotismos” em sentido estrito, ele os define como sendo construções vocabulares ou frasais, nas quais a soma dos valores individuais dos elementos constitutivos não resultam no significado global da construção, como no exemplo “Chorar as pitangas”. Em outras palavras, usando a nomenclatura adotada por Aurélio e Houaiss, pode-se dizer que “idiotismos” em sentido estrito, para Câmara Jr, correspondem a “expressões idiomáticas”, ainda que ele nomeie como “idiotismos locucionais” estas expressões “cuja significação não decorre dos vocábulos componentes e da sua articulação sintática”³¹, explicação que, ainda que de modo intrincado, dá conta das características semânticas e sintáticas, até agora vistas, a respeito das expressões idiomáticas. Em suma, Câmara Jr. define como “idiotismo em sentido o lado” o idiotismo propriamente dito, visto e discutido até o presente, e como “idiotismo em sentido estrito” a expressão idiomática.

Dicionário de linguística e fonética, de David Crystal

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

O dicionário de David Crystal explica as noções concernentes a “idiomatismo” em dois verbetes de seu dicionário: “expressão idiomática” e “idiomático”.

O verbete “idiomático” traz como definição: “Adjetivo que caracteriza certas expressões”.³² A seguir, ele discorre novamente sobre “expressão idiomática”, que é a mesma definição apresentada no verbete “expressão idiomática”, isto é, ele as define como sendo “sequências de palavras restritas do ponto de vista semântico e muitas vezes sintático, de forma que funcionem como uma só unidade”.³³

No verbete “expressão idiomática”, o autor começa com a definição encontrada na maior parte dos dicionários analisados: “expressão idiomática indica uma sequência de palavras [...] funcionando como uma unidade só”.³⁴ A definição de Crystal, no entanto, diferentemente dos demais dicionários considerados, explica que este fenômeno da língua possui restrições semânticas e sintáticas, itens que o autor analisará separadamente dentro de seu verbete.

Em relação ao aspecto semântico, o autor reforça a ideia de que “as significações das palavras separadas não podem ser combinadas para produzir a significação da expressão ‘idiomática’”.³⁵

No campo sintático, Crystal chama a atenção para a não variabilidade da ordem e forma das palavras dentro da expressão, ou seja, diferentemente de estruturas não-idiomáticas, elas apresentam estruturas cristalizadas ou, nas palavras do autor, “enunciados ‘já prontos’”. O exemplo abordado para mostrar essa invariabilidade é o da expressão idiomática “Ele deu com os burros na água”.

A significação cristalizada da expressão, assim como seu aspecto gramatical (forma), torna inviáveis as alterações na ordem ou forma de seus elementos (tais como flexão de gênero e número) ou substituição de algum(uns) de seus elementos constitutivos, tal como veremos em duas reformulações improdutivas de tal expressão. Deste modo, expressões como: “Ele deu com um burro na água” ou “Ele deu com os burros na terra” não causam o impacto da expressão “já pronta” “Ele deu com os burros na água”.

O autor ainda explica que, além da denominação “enunciados ‘já prontos’”, as expressões idiomáticas são também conhecidas por “colocações habituais”.

³² CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, verbete “idiomático”, p.143.

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem, verbete “expressão idiomática”, p.104.

³⁵ Ibidem.

Embora traga o critério da invariabilidade, o autor levanta a questão de algumas linhas teóricas apontarem para graus e tipos de expressões idiomáticas que admitem a possibilidade de haver mudanças internas dentro da expressão. Neste caso, haveria em determinadas expressões a possibilidade de alternância na ordem ou forma de seus elementos constitutivos.

Aspectos relevantes nos dicionários de linguística

A análise dos dicionários de linguística permite-me fazer algumas considerações. Para tanto, divido estes quatro dicionários em três grupos, de acordo com suas características, a fim de melhor discutir as diferenças conceituais destes dicionários. No primeiro grupo, pondero o verbete *idiotisme* do *Dictionnaire de linguistique*, de Jean Dubois et alii, e do *Dictionnaire de linguistique*, organizado por Georges Mounin. No segundo grupo, reflito sobre o peculiar verbete “idiotismo” do *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr. Finalmente, no terceiro grupo, analiso os verbetes “expressão idiomática” e “idiomático” do *Dicionário de linguística e fonética*, de David Crystal.

Cronologicamente mais antigos, o *Dictionnaire de linguistique*, de Jean Dubois et alii, e o *Dictionnaire de linguistique*, organizado por Georges Mounin, apresentam definições sucintas do *idiotisme*. Ambas as definições aproximam-se daquelas de *idiotisme* encontradas nos dicionários gerais da língua francesa (*Dictionnaire de l'Académie française*, *Le Petit Robert* e *Trésor de la langue française informatisé*). Em outras palavras, o dicionário de Jean Dubois et alii e o dicionário organizado por Georges Mounin concentram-se na explicação de que os *idiotismes* são construções peculiares a uma dada língua e não possuem correspondente sintático em línguas de estrutura análoga. Os exemplos dos presentativos *c'est* e *il y a*, *idiotismes* da língua francesa, apontados por Jean Dubois et alii e Georges Mounin respectivamente denotam que ambos os dicionários consideram os *idiotismes* como sendo construções menores àquelas do nível da frase, ou seja, das expressões e das frases propriamente ditas.

No segundo grupo, isolo a definição bastante peculiar de “idiotismo” do *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr. O ponto divergente da definição de Câmara Jr., sem dúvida, concerne à terminologia; o autor subclassifica os idiotismos em “idiotismos em sentido lato” e “idiotismos em sentido estrito”.

Para Câmara Jr., por um lado, o “idiotismo em sentido lato” representa a mesma ideia contida nas definições de “idiotismo” (ou *idiotisme*) dos dicionários gerais de língua e dos

dicionários de linguística vistos até o presente momento. Por outro lado, de acordo com a definição do autor, o “idiotismo em sentido estrito” nada mais é do que aquela construção denominada pelos demais autores como “expressão idiomática”. Câmara Jr. não menciona em nenhum momento a nomenclatura correspondente a “expressão idiomática”, ainda que ele afirme que os “idiotismos em sentido estrito” podem também ser chamados de “idiotismos locucionais”.

Finalmente, no que diz respeito ao terceiro e último grupo, no qual pondero o *Dicionário de linguística e fonética*, de David Crystal, destaco algumas considerações interessantes levantadas por Crystal. Em primeiro lugar, o autor não apresenta o verbete “idiotismo”, concentrando-se nos verbetes “expressão idiomática” e “idiomático”.

Em se tratando da definição de “idiomático”, Crystal traz uma peculiaridade em relação às definições de *idiomatique* vistas em *Le Nouveau Petit Robert* e no *Trésor de la langue française*. Se estes dois últimos dicionários restringem a definição de *idiomatique* à construção “propre à une langue”, o dicionário de David Crystal aborda a definição de “idiomático” de maneira diversa, dizendo que “idiomático” é “adjetivo que caracteriza certas expressões”³⁶, ou seja, ele liga o termo “idiomático” indubitavelmente a “expressão”, ao passo que os dois outros dicionários tomam o adjetivo *idiomatique* para referirem-se a construções próprias da língua, mas sob um viés genérico.

Quanto a “expressão idiomática”, Crystal, diferentemente dos outros dicionários que ora dão relevo ao aspecto sintático, ora dão relevo ao aspecto semântico, traz à tona de maneira dosada os aspectos sintático e semântico na explicação de “expressão idiomática”. Assim, no que tange ao aspecto semântico, o autor assevera que “as significações das palavras separadas não podem ser combinadas para produzir a significação da expressão idiomática”³⁷, definição que, ainda que em palavras diferentes, é a mesma vista nos dicionários gerais de língua portuguesa que explicam que a soma dos significados dos elementos constitutivos da expressão idiomática não corresponde ao significado da expressão como um todo. Em relação ao aspecto sintático, Crystal explica que as expressões idiomáticas possuem a característica da não-variabilidade da forma das palavras dentro da expressão; elas são, pois, estruturas cristalizadas.

³⁶ CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, verbete “idiomático”, p.143.

³⁷ *Ibidem*, verbete “expressão idiomática”, p.104.

CAPÍTULO 4

PREFÁCIOS DE DICIONÁRIOS DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Neste capítulo analiso, em ordem cronológica, prefácios de livros especializados no domínio das expressões idiomáticas. Primeiramente, debruço-me sobre a “Introduction” do *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*, de Maurice Rat. Em seguida, pondero a “Introduction” do livro *Les Locutions françaises*, de Pierre Guiraud, referente ao estudo daquelas que ele toma por *locutions*. Finalmente, analiso o “Préface” do *Dictionnaire des expressions et locutions*, de Alain Rey e Sophie Chantreau. Os livros de Maurice Rat e Alain Rey, como mencionado em seus títulos, são dicionários de expressões idiomáticas (*locutions* ou simplesmente *expressions*, como veremos a seguir).

“Introduction” in *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*, de Maurice Rat (1957)

Na “Introduction” do *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*, o autor Maurice Rat informa que o trabalho com as *locutions* advém de um gosto particular por estas construções, consideradas por ele um dos elementos mais pitorescos da língua. Dividida em quatro subseções, a “Introduction” discorre sobre as definições de *locution*, *proverbe* e *expression* na primeira e sobre os tipos de *locution*, ponderados pelo autor, na segunda. Na terceira subseção, Rat fala das transformações que as *locutions* podem sofrer, o como e o porquê e, finalmente, na quarta e última subseção, o autor explica algumas de suas escolhas para o seu *Dictionnaire*. Visto que minha análise recai sobre as *locutions* e conceitos afins, não discorrerei sobre a quarta e última subseção da “Introduction” do dicionário de Maurice Rat, cujo material refere-se especificamente ao uso do dicionário.

As primeiras perguntas que o autor se faz são “Qu’est-ce, en effet, qu’une locution?” e, logo em seguida, “Et en quoi diffère-elle d’un proverbe?”.³⁸ Para respondê-las, Rat recorre ao *Nouveau Petit Larousse illustré*, que define *locution* como “expression, façon de parler” e *proverbe* como “maxime exprimée en peu de mots et devenu populaire”.³⁹ Atendo-se às definições do *Nouveau Petit Larousse illustré*, Rat não define com suas próprias palavras cada

³⁸ RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*. (1957). Paris : Éditions Larousse, 2007, p. V.

³⁹ Ibidem.

um dos dois termos. O autor, entretanto, afirma que “les locutions peuvent être quelquefois des proverbes, si les proverbes d’ordinaire sont beaucoup plus que de simples locutions”.⁴⁰

Não sendo claro o limite entre *locution* e *proverbe*, o autor lança outro termo que pode se confundir com os dois primeiros: *expression*, que é definida como “manière de s’exprimer, phrase, mot”.⁴¹ Neste caso, Rat afirma que a confusão entre *locution* e *expression* só pode acontecer caso a *expression* tenha “une valeur individuelle ou personnelle, mais une valeur commune, générale et courante”.⁴²

Na segunda subseção, o autor começa dizendo que a origem das *locutions* é de natureza diversa. Ele, então, divide-as em três grupos.

O primeiro grupo de *locutions* tem um caráter geral. Rat define as *locutions* deste grupo como sendo aquelas que “ont fait fortune parce qu’elles ont plu par leur caractère expressif, sans qu’on puisse dire si c’est leur tour même, ou une image, ou une comparaison amorcée ou exprimée, qui leur a valu leur succès”.⁴³ O autor explica que este grupo mantém-se no decorrer dos séculos e que suas *locutions*, não raro, possuem palavras que caíram em desuso na língua, por exemplo: “*val* n’est plus guère employé de nos jours, que dans des expressions géographiques (le *Val d’Andorre*, les *Vaux-de-Cernay*) ou poétiques (‘*Le Val fut tout le jour désert, silencieux*’ [Hugo])”.⁴⁴ Algumas palavras, deste modo, permanecem na língua, apesar de serem consideradas antigas, protegidas por uma *locution*.

O segundo grupo compõe-se de um vasto rol “constitué par des citations qui sont devenues proverbiales”.⁴⁵ O autor chama atenção para o fato de que muitas destas *locutions* já faziam parte da língua, quando se tornaram célebres devido a um determinado uso, ou seja, a *locution* é consagrada devido a um uso bem específico. Os exemplos oferecidos são *autant en emporte le vent* e *[mais] où sont les neiges d’antan?*, *locutions* que já faziam parte da língua, mas adquiriram maior *status* depois do uso pelo poeta François Villon.

O terceiro grupo constitui-se de *locutions* “qui ont un caractère historique ou anecdotique plus ou moins authentique”.⁴⁶ O caráter *plus ou moins* autêntico deve-se ao fato de que nem sempre se sabe a origem da *locution*. O exemplo é *laver son linge sale en famille*, encontrado em Balzac e em Casanova, mas que é supostamente atribuída a Napoleão.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem, p.VI

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem, p.VII

⁴⁶ Ibidem, p. VIII

Maurice Rat termina esta subseção falando na dificuldade de conhecer a gênese das *locutions françaises*, visto que algumas, inclusive, já existiam no grego e latim, sendo transpostas à língua francesa. Igualmente, ele afirma que há *locutions* parecidas ou idênticas nas línguas românicas e mesmo no inglês e alemão: “La ‘sagesse des nations’ est souvent du même ordre, et des locutions pareilles ou identiques en témoignent”.⁴⁷

A terceira subseção trata das mudanças sofridas pelas palavras e *locutions*, isto que o autor chama de *déformation* e que ele considera “un aspect de la vie des langues”.⁴⁸ As mudanças podem dizer respeito tanto às alterações na grafia de uma palavra dentro da *locution* ou mesmo às substituições das palavras por outras.

Antes de entrar no caso das mudanças das *locutions* propriamente ditas, Rat oferece exemplos de mudanças no nível da palavra, ou seja, mudanças ortográficas. O primeiro par de palavras é *dessiller* e *déciller*. Neste caso, a alteração ortográfica, ocorrida no decorrer dos anos, não altera o sentido primitivo da palavra, que significa, segundo Rat, “découdre les cils (paupières) [du faucon]”, cuja tradução em português corresponde a “abrir os olhos de alguém; mostrar-lhe a verdade”. Já com o par *forsené* e *forcené*, houve um deslizamento de sentido: *forséné*, forma primitiva, significava “hors de ses sens”⁴⁹, ao passo que a forma *forcené*, forma corrente nos dados atuais da língua francesa, significa, entre outras acepções, “fou de colère”.⁵⁰

Assim como as palavras, as *locutions* também estão sujeitas à ação do tempo no que diz respeito às mudanças. Entre vários exemplos, o autor fornece o de *c’en dessus dessous*, que significava “ce qui était en dessus étant mis dessous”⁵¹, *locution* que remonta ao século XVI. Tal expressão assumiu a forma *sens dessus dessous*, no século XVII. Ainda no século XVII, surgiu a forma concorrente *sans dessus dessous*. Este exemplo mostra três grafias diversas para a mesma *locution*, cujo significado é “dans une position telle que ce qui devrait être dessus se trouve dessous et inversement”.⁵² Rat afirma que as três variantes são usadas atualmente, no entanto, ele explica “la première [est utilisée] par les rares qui savent (Paul Morand), la deuxième couramment et avec l’approbation officielle ou semi-officielle (Académie, Larousse, etc), la troisième par les ignorants!”.⁵³

⁴⁷ Ibidem, p.IX

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelle*. Paris : Éditions Larousse, 2007, p.IX.

⁵⁰ *Le Petit Robert électronique*.

⁵¹ RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelle*. Paris : Éditions Larousse, 2007, p.X.

⁵² *Le Petit Robert électronique*.

⁵³ RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelle*. Paris : Éditions Larousse, 2007, p.X.

As *locutions* sofrem mudanças de acordo com “les lois du langage”⁵⁴. O autor acredita que, por um lado, é importante retardar o processo de mudança nas *locutions*, dando preferência à forma primitiva, quando houver a concorrência de duas formas. Por outro lado, ele considera absurdo usar uma *locution* comprovadamente antiga, caso ela tenha assumido uma forma diferente que é conhecida e aceita por um grupo de falantes, pois a forma antiga poderá gerar equívocos.

“Introduction” in *Les Locutions françaises*, de Pierre Guiraud (1961)

Pierre Guiraud, na “Introduction” de seu livro *Les Locutions françaises* faz algumas considerações sobre as *locutions* francesas, objeto de estudo do livro. O autor inicia pela definição de *locution*: “une façon de parler”, em sentido lato, e “une expression constituée par l’union de plusieurs mots formant une unité syntaxique et lexicologique”, em sentido estrito.⁵⁵ Igualmente, o autor explica que as *locutions* “forment des tours idiomatiques, c’est-à-dire des formes de parler particulières et qui s’écartent de l’usage normal de la langue”.⁵⁶

Para definir as *locutions*, o autor usa três critérios. O primeiro critério que define uma *locution* é “unité de forme et de sens”. Uma *locution* constitui um grupo sintático indecomponível, visto que ela somente se afirma como tal estando sob sua forma cristalizada. Igualmente, no que tange ao sentido, a *locution* possui uma unidade de significação, que não se refere aos sentidos individuais dos termos que a compõem.

O segundo critério do autor é “[la locution] s’écarte de la norme grammaticale et lexicale”. Guiraud afirma que quase todas as *locutions* se constituem de termos arcaicos ou marginais que foram conservados nas *locutions*, uma vez que estas são estruturas cristalizadas da língua.

O terceiro e último critério do autor é “la plupart des locutions sont prises dans un sens métaphorique”.⁵⁷

O exemplo fornecido por Guiraud *baisser pavillon*, que significa “céder devant quelqu’un; reconnaître sa supériorité”, corrobora os três critérios levantados por ele. Em se tratando do primeiro critério, a explicação é que construções como *lever pavillon* ou *baisser un pavillon* descaracterizariam a *locution* e ela perderia sua unidade de sentido, ou seja,

⁵⁴ Ibidem, p.XIII.

⁵⁵ GUIRAUD, Pierre. *Les Locutions françaises*. Paris : Presses universitaires de France, coll. « Que sais-je ? », 1961, p.5.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ibidem, p.6.

supressões, acréscimos ou a troca da ordem dos termos fariam com que ela perdesse sua singularidade enquanto *locution*.

Quanto ao segundo critério, *baisser pavillon* não respeita à normal gramatical do uso do artigo antes do substantivo. Finalmente, no que diz respeito ao terceiro critério, *baisser pavillon* é um uso metafórico tomado do jargão dos marinheiros, cujo sentido primeiro refere-se a “technique du marin pour qui amener son pavillon est le signe qu’il abandonne le combat, ou qu’il rend hommage à un supérieur”.⁵⁸

Guiraud assume como característica de quase todas as *locutions* o arcaísmo, seja em se tratando das *locutions* que se referem às ações que desapareceram dos nossos costumes e que por isto as tornam incompreensíveis, por exemplo, *faire amende honorable*, cujo significado é “[action d’un coupable de] reconnaître publiquement son crime et en demander pardon”⁵⁹; seja em relação à forma linguística, visto que muitas destas *locutions* carregam palavras arcaicas, de acordo com os dados atuais da língua. *Au fur et à mesure*, cujo significado é “en même temps et proportionnellement ou successivement”⁶⁰, é um exemplo de *locution* que possui um termo arcaico: *fur*. Se por um lado, um francês dos dias de hoje não usaria a palavra *fur* em contextos diversos ao da *locution*, por outro lado, ele não hesitará em aplicar e compreender *au fur et à mesure*.

A característica do arcaísmo torna a *locution* “à la fois arbitraire et motivée, ce qui constitue un véritable paradoxe des formes idiomatologiques et leur confère leur originalité”.⁶¹ Em outras palavras, pode-se dizer que a arbitrariedade diz respeito ao obscurecimento da imagem presente na *locution* no decorrer dos tempos, no entanto, não se pode dizer que ela não teve uma motivação, ainda que nem sempre esta seja evidente ou faça parte do conhecimento do falante. Com base neste paradoxo, Guiraud afirma que entre o signo arbitrário e o signo motivado, existe uma terceira categoria que é a das *locutions*.

Um aspecto interessante levantado por Guiraud é o da propriedade das *locutions* atualizarem a imagem metafórica, de modo a serem compreendidas no decorrer dos séculos, ainda que o sentido primitivo e motivador tenha sido perdido. Para legitimar esta informação, o autor retoma *baisser pavillon*, cujo sentido original é de “amener un insigne fixé en haut d’un mât”, que significa “tirar, abaixar uma bandeira”. A acepção técnica desta *locution*, por sua vez, é “abaisser le pavillon par déférence ou par force” e, finalmente, cujo sentido

⁵⁸ Ibidem, p.7.

⁵⁹ *Trésor de la langue française informatisé*. Disponível no site <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>, verbete *amende*.

⁶⁰ *Le Petit Robert électronique*.

⁶¹ GUIRAUD, Pierre. *Les Locutions françaises*. Paris : Presses universitaires de France, coll. « Que sais-je ? », 1961, p.7.

metafórico é “céder devant une intimidation”.⁶² No mais das vezes, o falante saberá aplicar e compreender a *locution* em seu sentido metafórico, ainda que desconheça os sentidos predecessores e motivadores para tal *locution*.

Do ponto de vista histórico, o autor afirma que as *locutions* estão sujeitas a “des contaminations de sens, à des croisements de formes, à de fausses interprétations qui en actualisent des valeurs illusoires”.⁶³ Deste modo, assim como as palavras podem assumir sentidos diversos no decorrer dos anos, sejam eles próximos ou distantes do sentido primitivo, as *locutions* também estão sujeitas a mudanças, seja na forma, seja no conteúdo.

Guiraud finaliza sua “Introduction” dizendo que “les locutions naissent et vivent en marge de la langue normale”⁶⁴, isto é, as *locutions* se constituem à revelia das normas da língua e são conservadas séculos a fio, mantendo-se vivas através da atualização de suas imagens metafóricas ou mesmo através das mudanças as quais elas estão expostas.

“Préface” in *Dictionnaire des expressions et locutions*, de Alain Rey (1997)

Alain Rey, em seu prefácio ao *Dictionnaire des expressions et locutions*, traz noções importantes a respeito das *expressions* e *locutions*, visto que elas são objeto de estudo do dicionário organizado por ele e Sophie Chantreau. Dividido em cinco partes, o prefácio define *locution* e *expression* e mostra como elas serão tratadas no *Dictionnaire des expressions et locutions*.

No início da discussão, é levantada a questão de que o léxico não se constitui apenas de elementos mínimos, palavras simples e complexas, mas também de “suites de mots convenues, fixées, dont le sens n’est guère prévisible”.⁶⁵ Estas sequências são denominadas pelo autor como *locutions* ou *expressions* e são “plus ou moins imprévisibles, dans leur forme parfois, et toujours dans leur valeur”.⁶⁶ As duas definições apresentadas são interessantes, pois elas dão conta de que o fenômeno linguístico discutido concerne aos aspectos sintáticos e semânticos da língua.

Entre outros exemplos de *expression* ou *locution*, o autor pondera *mettre cartes sur table*, cuja explicação gramatical não resolve na construção desta expressão nem na forma,

⁶² Ibidem, p.8.

⁶³ Ibidem, p.10.

⁶⁴ Ibidem, p.11.

⁶⁵ REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003, p. VII.

⁶⁶ Ibidem.

visto que a forma gramaticalmente correta é *mettre les cartes sur la table*; nem no sentido, porque a expressão não designa o ato de colocar cartas em cima da mesa. O autor explica ainda que *mettre cartes sur table* é um galicismo, pois sua tradução palavra por palavra não resultaria em uma estrutura de sentido análogo em outras línguas e, também, constitui um uso figurado proveniente de uma metáfora.

Antes de definir o que é uma *locution* ou *expression*, o autor faz um adendo dizendo que aquelas estruturas que os dicionários chamam *locutions adverbiales* ou *conjonctives* ou *prépositionnelles* são antes palavras complexas, assim como as palavras-compostas, do que *locutions*.

O autor delimita o objeto do *Dictionnaire* e explica suas escolhas no que diz respeito à terminologia: o dicionário não usa os termos *idiome* (considerado muito pedante), *idiotisme* (porque a noção parece ser mais evidente quando línguas são comparadas). O termo adequado segundo o autor “il s’agit de *phraséologie*, c’est-à-dire d’un système de particularités expressives liées aux conditions sociales dans lesquelles la langue est actualisée, c’est-à-dire à des *usages*”.⁶⁷ Com o foco no uso, o autor explica que *locution* e *expression*, geralmente tidas como sinônimos, são indispensáveis à ideia que eles, os autores, têm sobre a linguagem. Neste momento, Rey faz a distinção entre os dois termos:

“*Locution* est exactement ‘manière de dire’, manière de former le discours, d’organiser les éléments disponibles de la langue pour produire une *forme fonctionnelle*. C’est pourquoi on peut parler de ‘locutions adverbiales’ ou ‘prépositives’, alors que ces mots grammaticaux complexes ne seraient jamais appelés des ‘expressions’. Em effet, l’*expression* est cette même réalité considérée comme ‘une manière d’exprimer quelque chose’; elle implique une rhétorique et une stylistique; elle suppose le plus souvent le recours à une ‘figure’, métaphore, métonymie, etc.”⁶⁸

A definição de Alain Rey esclarece que, embora *locution* e *expression* sejam igualmente “formas de expressar uma ideia”, *locution* está mais associada ao escopo do estritamente gramatical, ao passo que a *expression* está mais associada ao sentido e por isso geralmente utiliza recursos ligados às figuras, como a metáfora, por exemplo.

Ainda na definição do objeto, Rey explica que a descrição da forma de expressão, no *Dictionnaire*, recai sobre “des formes figées du discours, formes convenues, toutes faites, héritées par la tradition ou fraîchement créées, qui comportent une originalité de sens (parfois

⁶⁷ Ibidem, p. IX.

⁶⁸ Ibidem, p. X.

de forme) par rapport aux règles normales de la langue”.⁶⁹ Deste modo, o autor explica que dá relevo no dicionário às *expressions toutes faites et figurées*, atendo-se em bem menor escala àquelas que ele chama de *mots grammaticaux complexes* ou *locutions adverbiales, prépositives*, etc.

Na subseção de “Préface” intitulada “L’effet métaphorique”, o autor descreve como funcionam as *locutions* ou *expressions* sob a ótica do sentido e a relação deste com a forma, bem como o desvio de sentidos através do uso de metáforas: “les formes du langage sont susceptibles d’être déviées de leur emploi premier par des mouvements simples, réguliers”.⁷⁰ Alain Rey toma, então, alguns exemplos de usos metafóricos: “si je dis d’un homme que c’est *un chien, un lion, un aigle, une vache...* je pratique une figure de rhétorique et, tout en utilisant les mots par un emploi dévié, je ne compromets nullement par cette déviation mon intention d’exprimer”.⁷¹ Estes exemplos são bem ilustrativos, mesmo para os falantes de português, visto que também utilizamos frequentemente nomes de animais para designar pessoas que tenham alguma de suas características, por exemplo, na frase “Paulo é uma lesma” a ideia contida não é de que existe uma lesma que se chama Paulo, mas que Paulo possui movimentos lentos, que ele é devagar, assim como uma lesma.

Se a ligação entre os sentidos de “lesma animal” e “lesma pessoa lenta” é bem clara, nem sempre a imagem será tão evidente. Nesta altura do texto, Alain Rey destaca que a metáfora “met en rapport deux réalités liées par une relation analogique sans abandonner la première”.⁷² Esta característica opõe-se aos *sens figés et séparés de leur origine*, pois estes não colocam em linha duas realidades ligadas por relação de analogia. O deslizamento de sentidos provoca a formação destas *expressions figurées*, que podem ser claramente interpretadas como metáforas ou não, visto que nem sempre o sentido figurado é evidente.

O autor aponta que, ainda que algumas *expressions* sejam obscuras, elas podem sobreviver aos anos sem mudar de sentido e, em muitos casos, “constituer le seul témoin vivant des mots, de sens perdus depuis longtemps”.⁷³ Um dos exemplos fornecidos é o da expressão *au fur et à mesure*, que significa “en même temps et proportionnellement ou successivement”.⁷⁴ Se *fur* funciona bem na expressão, com certeza ela não é utilizada no

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem, p. XVI.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem, p. XVII.

⁷³ Ibidem, p. XVIII.

⁷⁴ ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert : dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, 2007, p. 1115.

vocabulário habitual dos franceses, visto que este termo caiu em desuso e é apontado pelos dicionários gerais de língua francesa como *vieux*.

Após alguns conceitos e exemplos, o autor finalmente explica aquela que ele considera característica fundamental das *locutions* e *expressions figurées*:

“alors que leur sens global est relativement fixé et constant, ce qu’elles suggèrent – leurs ‘valeurs connotatives’, par opposition à cette ‘valeur dénotative’ – peut varier selon les époques, selon les connaissances et les références de ceux qui les emploient.”⁷⁵

Rey esclarece no trecho acima que as *locutions* e *expressions figurées* estão sujeitas à ação do tempo e podem assumir sentidos conotativos diversos em relação ao meio social no qual se inserem.

Ainda na subseção intitulada “L’effet métaphorique”, o autor levanta a questão da arbitrariedade das *locutions* ou *expressions*: “pourquoi [un] assemblage de mots pour exprimer telle idée? Pourquoi, par exemple: *du bout des lèvres* et pas *du bord des lèvres*? Pourquoi même une locution grammaticale, à cause de..., plutôt qu’une autre (à motif de n’existe pas)?”.⁷⁶ O autor diz que é difícil explicar este tipo de questionamento, face ao ponto que lhe parece essencial: “le langage crée ses effets au moyen de choix subtils parmi des possibilités mille fois plus grandes, par une sélection dont nous ignorons presque tout”.⁷⁷ Na verdade, algumas construções parecem-nos arbitrarias, visto que nem sempre conhecemos o seu contexto de surgimento e, deste modo, tornam-se estranhas se comparadas às construções que seguem as normas mais ou menos estáveis do uso da língua.

Ainda que estas construções pareçam estar à revelia mesmo da norma gramatical, cabe dizer que elas respeitam alguns critérios mais ou menos definidos no que tange ao sentido: “Le monde des locutions a ses lois: il met en œuvre des transferts sémantiques réguliers, du concret à l’abstrait, du physique au psychique; il abonde en jugements sociaux, il exprime des contenus cohérents”.⁷⁸

O autor chama atenção para o fato de que as *locutions* muitas vezes trazem em suas construções traços de hábitos do passado (do direito, do feudalismo, da Igreja, da caça, dos jogos, da guerra, da agricultura, etc.). De acordo com a época, *locutions* ou *expressions* foram

⁷⁵ REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003, p. XVIII.

⁷⁶ Ibidem, p. XIX.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibidem, p.XXI.

criadas, de acordo com a necessidade do uso, e elas se mantêm no decorrer dos anos, ainda que o sentido primitivo tenha se perdido.

Aspectos relevantes nos prefácios de expressões idiomáticas

Vasto material sobre as expressões idiomáticas, a “Introduction” do *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*, de Maurice Rat, a “Introduction” do livro *Les Locutions françaises*, de Pierre Guiraud, e o “Préface” do *Dictionnaire des expressions et locutions*, de Alain Rey e Sophie Chantreau, abordam as expressões idiomáticas sob diversas perspectivas, servindo-se de um rico *corpus* de exemplos.

Em uma tentativa de organizar e sintetizar os aspectos que considero relevantes para a análise, divido a discussão em quatro tópicos que considero fundamentais: o primeiro tópico diz respeito à terminologia, o segundo tópico à definição adotada, o terceiro tópico aborda as características das expressões idiomáticas e o quarto e último tópico aponta os dados históricos mostrados nos textos considerados neste capítulo.

Em se tratando da terminologia adotada para exprimir a noção de “expressão idiomática”, o termo consensualmente utilizado pelos autores é *locution*, embora eventualmente apareça o termo *expression* no texto de Alain Rey, no “Préface” do *Dictionnaire des expressions et locutions*.

No que tange à definição, Maurice Rat limita-se às palavras do dicionário *Nouveau Petit Larousse illustré* que diz que a *locution* é “expression, façon de parler”.⁷⁹ Diferentemente, Pierre Guiraud define a *locution* utilizando três critérios: a *locution* possui unidade de forma e de sentido, ela se constitui na língua à revelia da norma gramatical e, finalmente, a maioria das *locutions* têm sentido metafórico. Alain Rey define a *locution* como “manière de former le discours, d’organiser les éléments disponibles de la langue pour produire une *forme fonctionnelle*”.⁸⁰

Sobre as características das *locutions*, destaco aquelas que não foram exploradas nos dicionários gerais de língua e nos dicionários de linguística. Uma característica que Maurice Rat levanta é a da possibilidade que as *locutions* têm de sofrer mudanças na sua estrutura interna, tanto na grafia de alguma das palavras que compõem a *locution* quanto na mudança propriamente dita de uma palavra por outra. Pierre Guiraud assevera que uma das

⁷⁹ RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelle*. Paris : Éditions Larousse, 2007, p.V.

⁸⁰ REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003, p.X.

características das *locutions* é o arcaísmo, seja em relação às metáforas contidas nelas, que dizem respeito às ações que desapareceram dos nossos costumes, seja em relação à própria forma da *locution* que, em muitos casos, pode manter palavras arcaicas da língua. Alain Rey, por sua vez, explica que mesmo que as *locutions* estejam à revelia da norma gramatical, elas respeitam alguns critérios no que tange ao sentido: “Le monde des locutions a ses lois: il met en œuvre des transferts sémantiques réguliers, du concret à l’abstrait, du physique au psychique”.⁸¹

Finalmente, no que toca aos dados históricos, Maurice Rat esclarece que a origem das *locutions* é de natureza diversa, por isso, é difícil conhecer sua gênese. Rat acrescenta ainda que muitas das *locutions* que existiam no grego e no latim foram transpostas à língua francesa. Pierre Guiraud afirma que as *locutions* estão sujeitas a contaminações, no decorrer dos anos, que podem atualizar ou modificar seu sentido. Alain Rey chama atenção para o fato de que as *locutions* muitas vezes trazem traços de hábitos do passado (do direito, do feudalismo, da Igreja, da caça, dos jogos, etc.).

⁸¹ Ibidem, p.XXI.

CAPÍTULO 5

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SEGUNDO STELLA ORTWEILER TAGNIN

O livro *Expressões idiomáticas e convencionais*, de Stella Ortweiler Tagnin, possui quinze capítulos nos quais ela discorre sobre os tipos de estruturas cristalizadas na língua, como, por exemplo, as expressões idiomáticas.

No livro, Tagnin apresenta sete categorias de estruturas que fazem parte do que ela chama de “jeito que a gente diz”, no entanto, cabe ressaltar que este “a gente” concerne aos falantes de qualquer nacionalidade, ou seja, ela fala de fenômenos linguísticos de ocorrência possível no português e em línguas diversas. As categorias são: as coligações, os binômios, as estruturas gramaticais consagradas, as expressões convencionais, as expressões idiomáticas, os gambitos e as fórmulas situacionais. Todas estas, em maior ou menor grau, representam fórmulas que, à força de uso e repetição, consagram-se nas línguas.

A análise que faço sobre este livro recai sobre a “introdução” e sobre os capítulos 2 (“O jeito que a gente diz”), 3 (“A convencionalidade e a idiomaticidade”), 8 (“As expressões convencionais”) e, finalmente, 9 (“As expressões idiomáticas”), por considerá-los mais relevantes à minha pesquisa. Ainda que me atenha a estes cinco capítulos, farei, se necessário, menção aos demais.

“Introdução”

Na breve introdução ao livro, Tagnin levanta o problema das “expressões idiomáticas” no aprendizado das línguas estrangeiras, visto que estas estruturas “têm de ser aprendidas individualmente, isto é, uma a uma, pois não há regra que as gere”.⁸² A autora chama atenção que “há toda uma gama de unidades linguísticas convencionais [idiomáticas ou não] que o aprendiz de uma língua estrangeira desconheceria, mesmo que conhecesse toda a gramática e todo o léxico da língua”.⁸³

Ainda que esta gama de fenômenos linguísticos seja bastante interessante, atendo-me neste trabalho às expressões idiomáticas e, como dito logo acima, a minha análise recai sobre os capítulos que tratam especificamente delas ou capítulos importantes em sua conceituação.

⁸² TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, série “Princípios”, 1989, p.7.

⁸³ *Ibidem*.

Capítulo 2 – “O jeito que a gente diz”

Neste capítulo, Stella Tagnin relata uma situação vivida por ela em sua primeira viagem aos Estados Unidos: “num de meus primeiros encontros, expressei-me de forma a fazer com que meu interlocutor me olhasse como se eu houvesse cometido um erro gramatical gravíssimo. Perguntei-lhe: - Não está certo o que eu disse? – Está – respondeu ele -, só não é desse jeito que a gente diz”.⁸⁴ A autora diz que a partir deste incidente, ela se propôs a “descobrir e aprender no que consiste esse ‘jeito que a gente diz’”.⁸⁵ A partir de seus estudos, ela faz algumas considerações sobre o “jeito que a gente diz”, das quais destaco aquelas pertinentes ao meu trabalho com as expressões idiomáticas. Primeiramente, ela afirma que faz parte do “jeito que a gente diz” as expressões idiomáticas. A seguir, ela diz que não há consenso entre os linguistas sobre o que são as expressões idiomáticas. Finalmente, ela diz que estas unidades linguísticas são aprendidas em bloco.

Capítulo 3 – “A convencionalidade e a idiomaticidade”

Neste capítulo, Tagnin distingue a “convencionalidade” da “idiomaticidade”. Para tanto, ela toma a definição de “convencionalidade” do *Novo dicionário da língua portuguesa*: convencional é “aquilo que é tacitamente aceito, por uso geral ou consentimento, como norma de proceder, de agir, no convívio social; costume, convenção social”.⁸⁶ Para exemplificar a convencionalidade no campo da linguagem, a autora fornece expressões que são convencionais devido a sua estrita ligação a fatos sociais e expressões em que a convencionalidade diz respeito à forma linguística: “*feliz natal* é uma expressão convencional social, pois está ligada à comemoração do Natal, enquanto *mundos e fundos* é uma expressão convencional devido a sua forma, isto é, convencionalizou-se combinar os dois vocábulos *mundos e fundos*”.⁸⁷

Feliz natal e *mundos e fundos*, sendo expressões aceitas pela comunidade dos falantes do português, cristalizaram-se. A cristalização pode se dar ora pela tradição (ou evento

⁸⁴ Idem, p.9.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁸⁷ TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, série “Princípios”, 1989, p.13.

social), como no caso de *feliz natal*, ora pela consagração do uso, como no caso de *mundos e fundos*. *Feliz natal* e *mundos e fundos* correspondem então a expressões convencionais.

Uma vez bem definido o conceito de “convencionalidade”, a autora introduz uma nova noção, a de “idiomaticidade”. Se as expressões convencionais dizem respeito unicamente à forma, as expressões idiomáticas dizem respeito à forma e ao significado. Então, Tagnin explica “expressão idiomática”: “uma expressão é idiomática apenas quando seu significado não é *transparente*, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos”.⁸⁸ O exemplo que vem seguido da explicação é o de “bater as botas” que “não significa ‘dar pancadas com o calçado que envolve o pé e parte da perna’, mas quer dizer ‘morrer’”.⁸⁹

Stella Tagnin assume a não transparência como critério determinante para que uma expressão seja idiomática. Inclusive, neste capítulo, ela esclarece que adota o termo “idiomático” para referir-se às estruturas “não transparentes” ou “opacas”. É importante ficar atento a esta escolha de Tagnin, visto que o sentido de “idiomático” é empregado como sendo “vernáculo, próprio da língua”, como pudemos verificar nas definições dos dicionários gerais de língua e dicionários de linguística.

No final do capítulo, a autora conclui que “toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática”: *feliz natal* é convencional, porém não idiomática, pois o seu sentido é transparente, ao passo que *mundos e fundos* é convencional e idiomática, já que é impossível depreender seu sentido através da simples combinação (ou soma) dos elementos constitutivos.⁹⁰

Capítulo 8 – “As expressões convencionais”

Embora este capítulo seja bastante sucinto, cabe discuti-lo, pois, antes de entrar nas expressões idiomáticas propriamente ditas, deve-se saber em que nível elas diferem das expressões convencionais, segundo a postura teórica assumida por Tagnin.

Segundo Tagnin, as “expressões convencionais” referem-se às unidades linguísticas que, diferentemente das “expressões idiomáticas”, possuem um significado transparente. No entanto, as “expressões convencionais”, assim como as “expressões idiomáticas” devem ser

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Ibidem.

aprendidas uma a uma, porque se compreendê-las é simples, produzi-las pode não ser, já que elas também são estruturas cristalizadas e possuem sequências fixas de palavras.

Para exemplificar, a autora lista seis expressões convencionais: “uma conta antiga”, “estar aberto para discussão”, “estar de folga”, “para o seu próprio bem”, “a boa ação do dia” e, finalmente, “adequado para consumo humano”. Conhecidas dos falantes do português brasileiro, tais expressões possuem sequências fixas de palavras e significados transparentes.

Capítulo 9 – “As expressões idiomáticas”

Neste capítulo, Stella Tagnin começa dizendo que “a maioria dos linguistas, ao definir *idiom* [termo inglês que designa ‘expressão idiomática] – que chamaremos de *estrutura idiomática* -, recorre ao seu significado não-composicional, ou seja, ao fato de o significado da expressão não ser previsível a partir do significado de suas partes”.⁹¹ Ela retoma, então, a definição utilizada em ocasião da distinção entre “expressão convencional” e “expressão idiomática”. Stella Tagnin aborda o critério da não transparência como característica fundamental da expressão idiomática, em oposição àqueles que tomam o critério do “significado não composicional” da expressão idiomática como determinante neste tipo de estrutura. A postura teórica assumida por Tagnin no que tange ao critério de não transparência não é um consenso entre os linguistas e lexicógrafos que definem tal fenômeno da língua.

Uma vez que a soma dos significados dos elementos constitutivos da expressão não corresponde ao significado global dela, pode-se dizer que ele foi convencionalizado e só pode ser decodificado como um todo. Neste ponto, cabe lembrar que “toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática”⁹², isto é, não se deve fazer necessariamente remissão a “expressão convencional” quando houver o uso do adjetivo “convencionalizado”. A autora acrescenta ainda que a expressão idiomática pode ser proveniente de uma expressão metafórica, todavia com o passar do tempo a imagem perde-se, tornando a expressão opaca e, devido a esta característica, idiomática, segundo o postulado de Tagnin.

É curioso que, após ter definido a “expressão idiomática” como uma estrutura linguística necessariamente opaca, Stella Tagnin suaviza esta informação dizendo que “a

⁹¹ Ibidem, p.44.

⁹² Ibidem, p.13.

idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial”.⁹³ Professora de inglês, a autora fornece exemplos ora em inglês, ora em português. Para mostrar que uma expressão pode ser parcialmente idiomática, a autora utiliza o exemplo de *white lie*, embora não explicita o significado de tal expressão, cuja tradução literal, segundo Tagnin, é “mentira branca”. Neste caso, somente o adjetivo é idiomático, ou seja, a expressão é idiomática somente em parte.

Após estas considerações sobre as expressões idiomáticas, a autora explora melhor tais características nos subcapítulos intitulados “A forma linguística” e “Expressões metafóricas e idiomáticas”.

No subcapítulo “A forma linguística”, Tagnin comenta que “dizemos que a forma linguística foi convencionalizada quando uma expressão passou a ter um significado distinto do significado de seus constituintes”.⁹⁴ Em outras palavras, a autora esclarece que, em razão do uso, o significado da expressão, diverso à soma dos constituintes, convencionaliza-se, torna-se uma realidade linguística de comum acordo em dada comunidade de falantes.

No subcapítulo “Expressões metafóricas e idiomáticas”, a autora trata do que ela chama de “escala de idiomaticidade”, deste modo, ela trata por expressões menos idiomáticas “quer as expressões em que apenas um ou alguns de seus elementos são idiomáticos, quer as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil decodificação”.⁹⁵ Por expressões mais idiomáticas, ela trata aquelas expressões “em que nenhum de seus constituintes contribui com o seu significado para o significado total da expressão”.⁹⁶ Baseada na “escala de idiomaticidade”, a autora mostra três grupos de expressões: expressões metafóricas, expressões cujo entendimento é mais difícil devido à dificuldade de alusão à imagem e, finalmente, as expressões totalmente idiomáticas.

No grupo das expressões metafóricas entram expressões do tipo *to hold one's head up*, cujo significado é “andar de cabeça erguida”. A imagem, neste caso, é bem clara, pois se baseia na metáfora de “bom é para cima”. Deste modo, o reconhecimento da imagem torna a expressão transparente.

O segundo grupo compreende aquelas expressões em que é difícil recuperar a imagem metafórica, devido à cristalização do sentido, isto é, mesmo que a expressão tenha sido outrora metafórica, nos dados atuais da língua, ela é compreendida como um todo, pois o sentido primeiro perdeu-se no decorrer dos anos. Os exemplos fornecidos por Tagnin são os seguintes: *to beat about the bush*, cujo significado, de acordo com a autora, é “falar com

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ Ibidem, p.45

⁹⁵ Ibidem, p.47.

⁹⁶ Ibidem.

rodeios” (não ir direto ao assunto, fazer circunlóquios) e *to burn the candle at both ends*, que, de acordo com Tagnin, significa “trabalhar demasiado”. Sobre estes exemplos, a autora acrescenta que “depois de aprender seu significado, o leitor até poderá encontrar alguma relação entre a imagem e o sentido da expressão, mas jamais teria chegado a ela sozinho”.⁹⁷

O terceiro e último grupo diz respeito às “expressões idiomáticas”, expressões em que, segundo Tagnin, não se pode encontrar relação alguma entre o sentido dela e a imagem aludida. O exemplo oferecido é *to chew the fat*, que significa, segundo Tagnin, “falar entre dentes”.

Aspectos relevantes em Stella Ortweiler Tagnin

Em seu livro *Expressões idiomáticas e convencionais*, Stella Ortweiler Tagnin não utiliza os termos “idiomatismo” e “idiotismo”. Debruçando-se sobre a “expressão idiomática”, um dos tipos de estruturas cristalizadas estudadas por ela, a autora distingue-a daquelas que ela nomeia “expressões convencionais”. Embora os dois tipos de expressão refiram-se a grupos de palavras com uma unidade de sentido, a expressão idiomática difere na medida em que ela é “uma expressão cujo sentido global não resulta da somatória do sentido de seus elementos formativos”.⁹⁸ Esta definição aproxima-se daquela do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, que assevera que “expressão idiomática” é “locução ou frase cristalizada numa língua, cuja significação não é dedutível dos significados das palavras que a compõem e que geralmente não pode ser entendida ao pé da letra”.⁹⁹

Através da análise do livro de Tagnin, pode-se depreender que a autora toma o aspecto semântico como ponto crucial na definição de “expressão idiomática”. Deste modo, na definição-chave, vista logo acima, ela não pondera o aspecto sintático da expressão idiomática, que diz respeito à inexistência de estruturas sintáticas equivalentes em línguas de estrutura análoga. Cabe lembrar que, em oposição a Tagnin, o aspecto sintático é o único nas definições do *Dictionnaire de l'Académie française*, *Le Nouveau Petit Robert*, *Trésor de la langue française* e em boa parte dos dicionários de linguística anteriormente ponderados.

A postura teórica de Tagnin é peculiar no que tange à definição de “idiomático” e ela deixa esta postura bem clara quando assevera que “em português, *idiomático* é usualmente

⁹⁷ Ibidem, p.49.

⁹⁸ Ibidem, p.82.

⁹⁹ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, verbete “expressão”, p.806.

empregado com o sentido de ‘vernáculo, próprio da língua’”. A análise dos dicionários franceses *Le Nouveau Petit Robert* e *Trésor de la langue française*, que definem *idiomatique* como sendo construção “propre à une langue”, mostra que a noção de “vernáculo, próprio da língua” no que tange a “idiomático” não é usual somente em português, mas também em francês. Tagnin esclarece, no entanto, que, diversamente das definições usuais, “para expressar esse sentido [de “próprio da língua”] usaremos *vernáculo* ou então *natural*, reservando *idiomático* para significar ‘não transparente ou opaco’”.¹⁰⁰

Diferentemente dos demais autores analisados, Tagnin postula o critério de transparência como sendo o limite entre uma expressão não idiomática e uma expressão idiomática. Em outras palavras, a autora afirma que a não transparência é critério fundamental da expressão idiomática. O diferencial teórico do critério de não transparência adotado por Tagnin transpassa todo o livro, servindo de base para a discussão da expressão idiomática. Ainda que a autora assuma a posição de que as expressões idiomáticas são necessariamente não transparentes (ou opacas), ela explica que há níveis de não transparência, ou seja, algumas expressões idiomáticas são mais opacas que outras. Neste ponto, ela levanta a questão das expressões metafóricas, cujas imagens são de fácil decodificação. Estas figuram, na escala de não transparência, expressões idiomáticas menos opacas. Na outra extremidade, estão as expressões idiomáticas totalmente opacas que, embora possam ser provenientes de metáforas, são não transparentes, de acordo com os dados atuais da língua.

¹⁰⁰ TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, série “Princípios”, 1989, p.13.

CAPÍTULO 6

OS IDIOMATISMOS E A PESQUISA SOBRE AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E TRADUÇÃO DO FRANCÊS PARA O PORTUGUÊS

Neste capítulo, retomo algumas das características dos idiomatismos vistas nos capítulos anteriores, com o objetivo de mostrar por que eles representam uma das dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português e, conseqüentemente, por que fazem parte do rol de dificuldades recenseado pelo nosso grupo de pesquisa em seus estudos sobre as dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português. Igualmente, aponto o tratamento provisório que, recentemente, passou a ser oferecido aos idiomatismos no dicionário de dificuldades, de acordo com as discussões do grupo de pesquisa, bem como das reflexões deste trabalho.

O idiomatismo como dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português

O estudo dos idiomatismos corrobora a hipótese inicial, postulada pelo grupo de pesquisa em sua lista provisória de dificuldades, de que estes, de fato, dizem respeito a um dos tipos de dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português. Retomo, então, algumas características sintáticas e semânticas dos idiomatismos, através de alguns autores analisados, para explicitar o caráter de dificuldade dos idiomatismos.

Em se tratando das expressões idiomáticas propriamente ditas, Stella Ortweiler Tagnin define-as como “expressões semanticamente convencionalizadas, isto é, cujo significado não pode ser depreendido a partir do sentido de suas partes”.¹⁰¹ Em meu entender, esta definição é a forma distendida daquela, de Aurélio, que assevera que a expressão idiomática é uma “sequência de palavras que funciona como uma unidade”.¹⁰²

A expressão francesa *faire amende honorable*, exemplo trazido por Pierre Guiraud no livro *Les Locutions françaises*, cujo significado é “[action d’un coupable de] reconnaître publiquement son crime et en demander pardon”¹⁰³, oferece um bom exemplo de expressão idiomática. Por que ela pode constituir uma dificuldade de compreensão e tradução para os

¹⁰¹ TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, série “Princípios”, 1989, p.46.

¹⁰² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004, verbete “expressão”, p.858.

¹⁰³ *Trésor de la langue française informatisé*. Disponível no sítio <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>, verbete *amende*.

praticantes do FLE? Porque sua “significação não é dedutível dos significados das palavras que a compõem e que geralmente não pode ser entendida ao pé da letra”.¹⁰⁴ O sentido de *faire amende honorable*, não sendo dedutível das três palavras que a compõem, será certamente opaco a quem nunca esteve anteriormente em contato com ela.

Os idiomatismos, ou expressões idiomáticas, representam dificuldade de compreensão e tradução na medida em que possuem estruturas sintáticas peculiares que não têm correspondentes análogos em outras línguas, concernem, pois, a estruturas imprevisíveis em relação às outras línguas. Igualmente, no que toca à semântica, são construções igualmente imprevisíveis, no entanto, esta imprevisibilidade decorre da não correspondência entre os significados dos elementos constitutivos da expressão e o sentido global dela, isto é, um falante/leitor que não conheça tal expressão buscará o significado através da escansão da expressão, traduzindo literalmente palavra por palavra, podendo, assim, deturpar o sentido da expressão ou não encontrar um significado plausível na relação entre as palavras daquele grupo.

Tratamento provisório oferecido aos idiomatismos no *Pequeno dicionário das dificuldades de compreensão e tradução do francês para o português*

Para ilustrar a questão do tratamento provisório, no dicionário, tomemos o exemplo, citado acima, de *faire amende honorable*. Como nosso dicionário tratará a expressão *faire amende honorable*?

A primeira questão é: em qual entrada ela deverá ser tratada? Na estrada *faire*? Não: na entrada *amende* (devido ao caráter extremamente polissêmico de *faire* e em acordo com a tradição lexicográfica francesa no tratamento específico desta expressão).

Uma vez decidido em qual entrada será tratada a expressão idiomática, ela será colocada, no verbete, abaixo da(s) acepção(ões) em língua portuguesa. A abreviação "loc. idiom.", como aviso, antecederá a locução com a sua respectiva tradução. Se possível, como tradução, haverá uma locução idiomática em língua portuguesa que expresse o mesmo sentido. Recorrente nos dicionários de expressões idiomáticas francesas, o termo *locution*, ou, em português, locução, parece-nos, a princípio, o mais adequado. Junto ao termo locução, acrescentamos o adjetivo "idiomática". Abreviamos ambas as palavras pela questão

¹⁰⁴ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, verbete “expressão”, p.860.

pragmática da economia de espaço, procedimento comum na redação de dicionários. A especificação do tipo de locução é fundamental, visto que há uma gama de locuções que não são idiomáticas.

Eis um exemplo de verbete provisório que possui, entre outras, a dificuldade da expressão idiomática:

RATA s.m.

⚠ Falso amigo. Não significa “rata” (gafe) nem “rata” (fêmea do rato).

⚠ Não confundir com os parônimos *rate* e *raté*.

Abreviação popular, às vezes pejorativa, de *ratatouille*. Pode-se traduzir por:

1. Ensopado, guisado (de preparo grosseiro). *C'est pas de la soupe, c'est du rata* (canção de soldados), “Isto não é sopa, é ensopado”.
2. (**pej.**) Comida pouco apetitosa, mal-feita; gororoba. *Il mange des ratas infâmes*, “Ele come gororobas repugnantes”.
3. Comida, prato ou refeição (independente de sua qualidade; às vezes, s.f., nesta acepção) *Pas mauvaise, ta rata, j'en reprends!* (Robert élect.), “Não é ruim teu rango, vou repetir!”.

Loc. idiom:

Ne pas s'endormir sur le rata, “Não dormir nas palhas” (= Estar ativo, diligente).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter ponderado, nos capítulos 1, 2, 3, 4 e 5, estudos diversos em busca de uma definição de “idiomatismo” e dos componentes da mesma família léxica, o “idiotismo” e a “expressão idiomática”, posso depreender algumas considerações, das quais a mais evidente é que, em linguística, quase nenhuma definição é consenso em se tratando de diferentes autores. Deste modo, procurei uma definição para “idiomatismo” e encontrei várias, algumas bem peculiares.

Por meio deste estudo, pôde-se notar que a noção de “idiomatismo” e “idiotismo” (ou *idiotisme*, nos dicionários franceses) muitas vezes confunde-se com a noção de “expressão idiomática”, inclusive, os dicionários gerais de língua portuguesa apresentaram os três verbetes para exprimir a noção de “idiomatismo”. Não é problemática a distinção entre “idiomatismo” e “idiotismo” que, através deste estudo, postulo como sinônimos.

Aqueles que distinguem “idiomatismo” de “expressão idiomática”, como, por exemplo, Houaiss e Câmara Jr., debruçam-se sobre objetos diferentes de análise linguística: o idiomatismo está no nível da sintaxe, uma vez que não apresenta formas sintáticas equivalentes em outras línguas, mesmo aquelas da mesma família. A expressão idiomática, por sua vez, está no nível da semântica, visto que a peculiaridade deste tipo de expressão concentra-se no fato dela possuir um significado global diferente da soma de seus elementos constitutivos, podendo não ser transparente de acordo com os dados atuais da língua. A expressão idiomática origina-se de imagens figuradas, como a metáfora, por exemplo. Assim sendo, a opacidade da expressão idiomática decorre da perda ou esquecimento, no decorrer dos tempos, da imagem aludida pela expressão.

Contrariamente, aqueles que não fazem a distinção entre “idiomatismo” e “expressão idiomática”, como, por exemplo, Aurélio, parecem tratar os dois como sinônimos, fator que pode ser observado, nos dicionários, através de remissões de um termo a outro dentro dos verbetes em questão.

Em relação aos autores ponderados no capítulo 4, intitulado “Prefácio de dicionários de expressões idiomáticas”, temos uma análise que não adota os termos “idiomatismo”, “idiotismo” ou, fundamentalmente, *idiotisme*, visto que são manuais franceses neste domínio. Tampouco utilizam o termo “expressão idiomática”, pelo motivo óbvio de serem escritos em francês. Utilizando o termo *locution*, os três manuais, mais do que a simples definição, apresentam características das *locutions*, ou “expressões idiomáticas” de acordo com o português. Pinceladas ora em um autor, ora em outro, estes manuais de expressões

idiomáticas discorrem sobre o caráter figurado da expressão idiomática. Outrossim, discutem o aspecto gramatical destas estruturas que parecem estar à revelia da norma e que possuem uma unidade de forma e sentido.

Em se tratando de Stella Ortweiler Tagnin, deparamo-nos com uma análise que aponta características dos idiomatismos vistas em outros autores, no entanto, o fator determinante para condicionar uma expressão como idiomática, segundo a autora, diz respeito à não transparência destas. Postulado isto, a autora ainda acrescenta que há níveis de não transparência, isto é, algumas expressões são mais opacas, outras menos, mas todas são. Esta postura é nova em relação a todos os autores vistos.

Além dos dicionários e livros que foram levados em conta neste estudo, tive a intenção de analisar o *Traité de stylistique française* (1909), de Charles Bally, bem como o manual de semântica *Le Lexique: images et modèles du dictionnaire à la lexicologie* (1977), de Alain Rey, e o capítulo 1 (“Da fraseologia da língua comum à fraseologia da língua de especialidade”) da dissertação intitulada *A fraseologia jurídico-ambiental* (1996), da professora Cleci Regina Bevilacqua; no entanto, devido à falta de tempo, deixo tal análise para momentos posteriores desta pesquisa.

Independentemente das diferentes posturas teóricas de diferenciação ou não entre “idiomatismo” e “expressão idiomática”, ambos representam uma dificuldade na compreensão e tradução de uma língua para outra, visto que são estruturas imprevisíveis e podem constituir percalços mesmo àqueles que possuem bom domínio da língua estrangeira pretendida. Aliás, a expressão idiomática pode ser um percalço mesmo para o falante nativo da língua na qual a expressão se origina, caso ele nunca tenha tido contato com ela ou não conheça a imagem figurada nela contida.

Este estudo não trouxe respostas inequívocas, no entanto, proporcionou-me uma base para estudos teóricos posteriores sobre os idiomatismos. Ele, igualmente, apontou direções possíveis ao grupo de pesquisa no que diz respeito ao tratamento didático para tal dificuldade de compreensão e tradução no dicionário pretendido, pelo grupo, no projeto no qual este estudo insere-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dictionnaire de linguistique*, Paris: Larousse, 1973.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- GUIRAUD, Pierre. *Les locutions françaises*. Paris : Presses universitaires de France, coll. « Que sais-je ? », 1961.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris: PUF, coll. "Les Grands Dictionnaires", 1974.
- PONGE, Robert. "Pequeno dicionário das dificuldades de tradução do francês para o português". Projeto de pesquisa apresentado em maio de 2005 à Comissão de Pesquisa do Instituto de Letras da UFRGS e registrado pela mesma. 3ª versão revista e atualizada. Porto Alegre: DLM do Instituto de Letras da UFRGS, maio 2007. Inédito. Comunicado pelo autor. 24 fls.
- RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*. (1957). Paris: Éditions Larousse, 2007.
- REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003.
- ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2007.
- RÓNAI, Paulo. "As armadilhas da tradução". In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, pp. 16-33.
- RÓNAI, Paulo. "Problemas gerais da tradução". In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1984, pp. 1-15.
- TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
- Dictionnaire de l'académie française*. 8e édition. Disponível no sítio <http://atilf.atilf.fr/academie.htm>
- Trésor de la langue française informatisé*. Disponível no sítio <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>